

AQUECIMENTO GLOBAL CINCO ÁREAS
DO BRASIL, DE NORTE A SUL, AMEAÇADAS
DE DESAPARECER NOS PRÓXIMOS ANOS
POR CAUSA DAS MUDANÇAS CLIMÁTICAS

Telegram @clubederevistas

CASA BRANCA EXTREMISMO, XENOFOBIA,
TRUCULENCIA, OBSCURANTISMO, FAKE
NEWS E CAFONICE. COMEÇA, SEGUNDO
TRUMP, A "ERA DE OURO" DOS EUA

CartaCapital

CartaCapital

30
ANOS

cartacapital.com.br

ANO XXX Nº 1346

R\$ 31,90

29 DE JANEIRO DE 2025



basset
editora

LEWANDOWSKI VAI À GUERRA

O MINISTRO DA JUSTIÇA TRAVA
UMA BATALHA COM GOVERNADORES
BOLSONARISTAS EM TORNO
DO PACOTE DE SEGURANÇA, TEMA
QUE AFLIGE OS BRASILEIROS

Telegram @clubederevistas

FENNAE COM ELAS

Telegram @clubederevistas

A Federação Nacional das Associações do Pessoal da Caixa Econômica Federal (**Fenae**) lança campanha pelo **Feminicídio Zero** e reforça seu compromisso com a promoção dos direitos humanos das mulheres e a intolerância às violências baseadas em gênero.

Caminhamos juntos pela vida de todas as mulheres!

Aponte a câmera de seu celular para o QR Code e conheça mais sobre a iniciativa



FENAE

FEDERAÇÃO NACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES
DO PESSOAL DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL



6 A SEMANA

Seu País

16 CRISE CLIMÁTICA Conheça cinco lugares do Brasil que correm risco de extinção

20 PROPAG Governadores apelam ao Congresso para derrubar os vetos de Lula

22 SEM-TERRA Ao celebrar os 40 anos de seu primeiro congresso, o MST vê-se sob um cerco cerrado

26 ENTREVISTA Paulo Teixeira anuncia 3,2 bilhões de reais para adquirir terras e retomar a reforma agrária

28 RIO DE JANEIRO Com o aval de Bolsonaro, a direita articula a candidatura do deputado Rodrigo Bacellar ao governo do estado

Economia

30 INDICADORES Mais uma vez há cascas de banana no caminho dos catastrofistas

34 ARTIGO O êxito do “modelo” chinês reside na rejeição do Consenso de Washington

Nosso Mundo

38 EUA A posse de Trump foi um espetáculo de extremismo, arrogância, obsolescência e cafonice

41 ALDO FORNAZIERI

42 ANÁLISE Marco Rubio e seus amigos da Flórida se aninham no novo governo

46 GAZA Muitos detalhes do acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas permanecem obscuros



Plural

48 A LEVEZA DO TEMPO

AOS 72 ANOS, ISABELLA ROSSELLINI VIVENCIA UMA VOLTA ÀS TELAS EM PAPÉIS MENORES, MAS MARCANTES, COMO O DA FREIRA DE CONCLAVE

52 IDEIAS Más informações conduzem as sociedades a decisões desastrosas **54 LIVROS** O empoderamento da bancada evangélica **56 OSCAR** *Ainda Estou Aqui* entra na disputa **57 AFONSIÑO** **58 CHARGE** *Por Venes Caitano*

10 HORA DA GUERRA O MINISTRO DA JUSTIÇA, RICARDO LEWANDOWSKI, APRESENTA SEU PLANO PARA DETER O AVANÇO DO CRIME ORGANIZADO PELO PAÍS

Capa: Pilar Velloso. Foto: Mateus Bonomi/Agif/AFP

DIRETOR DE REDAÇÃO: Mino Carta

REDATOR-CHEFE: Sergio Lirio

EDITOR-EXECUTIVO: Rodrigo Martins

CONSULTOR EDITORIAL: Luiz Gonzaga Belluzzo

EDITORES: Ana Paula Sousa e Carlos Drummond

REPÓRTER ESPECIAL: André Barrocal

REPÓRTERES: Fabíola Mendonça (Recife), Mariana Serafini

e Maurício Thuswohl (Rio de Janeiro)

SECRETÁRIA DE REDAÇÃO: Mara Lúcia da Silva

DIRETORA DE ARTE: Pilar Velloso

CHEFES DE ARTE: Mariana Duchs (Projeto Original) e Regina Assis

DESIGN DIGITAL: Murillo Ferreira Pinto Novich

FOTOGRAFIA: Renato Luiz Ferreira (Produtor Editorial)

REVISOR: Hassan Ayoub

COLABORADORES: Afonsoinho, Aldo Fornazieri, Alysso Oliveira, André Costa Lucena,

Boaventura de Sousa Santos, Carlos Henrique Carneiro da Cunha de Mello Belluzzo,

Cássio Starling Carlos, Célia Xakriabá, Celso Amorim, Ciro Gomes,

Claudio Bernabucci (Roma), Djamilia Ribeiro, Drauzio Varella, Emmanuele Baldini,

Esther Solano, Flávio Dino, Gabriel Galipolo, Guilherme Boulos, Jaques Wagner,

José Sócrates, Leneide Duarte-Plon, Lídice da Mata, Lucas Neves,

Luiz Roberto Mendes Gonçalves (Tradução), Manuela d'Ávila,

Marcelo Freixo, Marcos Coimbra, Maria Flor, Marília Arraes, Murilo Matias,

Ornilo Costa Jr., Paulo Nogueira Batista Jr., Pedro Serrano, René Ruschel,

Riad Younes, Rita von Hunty, Rogério Tuma, Rui Marín Daher, Sérgio Martins,

Sidarta Ribeiro, Vilma Reis, Walfrido Warde e Wendal Lima do Carmo

ILUSTRADORES: Eduardo Baptista, Severo e Venes Caitano

CARTA ONLINE

EDITORA-EXECUTIVA: Thais Reis Oliveira

EDITORES: Allan Ravagnani, Getúlio Xavier e Leonardo Miazzo

EDITOR-ASSISTENTE: Gabriel Andrade

REPÓRTER: Ana Luiza Rodrigues Basilio (CartaEducação)

VÍDEO: Carlos Melo (Produtor) e Sebastião Moura (Editor)

ESTAGIÁRIA: Ana Luiza Sanfilippo

REDES SOCIAIS: Caio César

SITE: www.cartacapital.com.br

basset

editora

EDITORA BASSET LTDA. Rua da Consolação, 881, 10º andar.
CEP 01301-000, São Paulo, SP. Telefone PABX (11) 3474-0150

PUBLISHER: Manuela Carta

CONSULTOR: Adalberto Viviani

GERENTE DE TECNOLOGIA: Anderson Sene

NOVOS PROJETOS: Demétrios Santos

ANALISTA DE ATENDIMENTO: Maria Clara M. Abdal

AGENTE DE BACK OFFICE: Verônica Melo

CONSULTOR DE LOGÍSTICA: EdCase Gestão de Negócios

EQUIPE ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA: Fabiana Lopes Santos,

Fábio André da Silva Ortega, Raquel Guimarães e Rita de Cássia Silva Paiva

REPRESENTANTES REGIONAIS DE PUBLICIDADE:

RIO DE JANEIRO: Eriio Santiago, (21) 2556-8898/2245-8660,

erio@gestaoenenegocios.com.br

BA/AL/PE/SE: Canal C Comunicação, (71) 3025-2670 – Carlos Chetto,

(71) 9617-8800/Luiz Freire, (71) 9617-6815, canalc@canalc.com.br

CE/PI/MA/RN: AG Holanda Comunicação, (85) 3224-2267,

agholanda@agholanda.com.br

MG: Marco Aurélio Maia, (31) 99983-2987, marcoauréliomaia@gmail.com

OUTROS ESTADOS: comercial@cartacapital.com.br

ASSESSORIA CONTÁBIL, FISCAL E TRABALHISTA: Actual Consultoria S.S

Rua Amália de Noronha, 402, 2º andar, sala 02 – SP/SP – CEP 05410-010

www.actual.sp; telefone (11) 3871-0506

CARTACAPITAL é uma publicação semanal da Editora Basset Ltda. CartaCapital não se responsabiliza pelos conceitos emitidos nos artigos assinados. As pessoas que não constarem do expediente não têm autorização para falar em nome de CartaCapital ou para retirar qualquer tipo de material se não possuírem em seu poder carta em papel timbrado assinada por qualquer pessoa que conste do expediente. Registro nº 179.584, de 23/8/94, modificado pelo registro nº 219.316, de 30/4/2002 no 1º Cartório, de acordo com a Lei de Imprensa.

IMPRESSÃO: Plural Indústria Gráfica - São Paulo - SP

DISTRIBUIÇÃO: S. Paulo Distribuição e Logística Ltda. (SPDL)

ASSINANTES: Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos



CENTRAL DE ATENDIMENTO

Fale Conosco: <http://Atendimento.CartaCapital.com.br>
De segunda a sexta, das 9 às 18 horas – exceto feriados

Edições anteriores: avulsas@cartacapital.com.br



SANGUE NOS OLHOS



Em seu discurso de posse, Donald Trump ameaçou todo o mundo com medidas punitivas para permitir o domínio e o crescimento norte-americano.

Um rosário de absurdos, como a tomada do Canal do Panamá e a mudança de nome do Golfo do México, além da adoção de medidas fiscais contra outros países para beneficiar as indústrias nacionais, são o retrato da nova política dos EUA. O mundo mudou, mas o discurso imperialista é o mesmo, talvez até pior.

Sylvio Belém



Trump não dedicou um instante de seu discurso para falar de combate à pobreza, de moradia para as pessoas que precisam, de geração de empregos etc. Só tem ódio e orgulho na pauta desse cara. Coitados dos norte-americanos.

Deca Guima



Os EUA enriqueceram roubando recursos de outros países e provocando guerras pelos quatro cantos do planeta, mas é claro que o problema são os imigrantes...

Gregorio Rossassi



A extrema-direita está com o mesmo discurso de quando começou a Segunda Guerra Mundial.

Ricardo Willian Furtado

LIBERDADE SEQUESTRADA



Li Jürgen Habermas e tenho de concordar com suas conclusões, especialmente em relação às caixas de

eco – espaços onde cada um pode ouvir a própria voz, sem interferência – que as redes sociais criam. Quem temia que o Grande Irmão viesse da Rússia soviética pode ter uma certeza: ele vem das empresas capitalistas donas das redes sociais e da mídia.

Cesar Augusto Hulsendeger



As big techs ditam o comportamento e o pensamento dos usuários, que são conduzidos como um rebanho com a ajuda do seus border collies, carinhosamente chamados de algoritmos.

Fernanda Las Casas

PONTO DE PARTIDA



A escala 6x1 é escravidão gourmetizada. Tem que acabar imediatamente. O que os partidos de esquerda estão esperando para levar adiante esta causa?

Washington Bandeira

CONTRA O RELÓGIO



Apesar dos desafios, Belém tem se preparado para receber a COP-30 e certamente fará um evento memorável. Esta será uma oportunidade única para o mundo saber as necessidades reais do Brasil, especialmente no contexto da Amazônia, que é um dos biomas mais importantes do planeta. Que as obras sejam feitas com total transparência, eficiência e respeito ao dinheiro público. E que fique um legado para a população de Belém e para o Brasil.

Marina dos Santos Abreu



Quando se trata de sediar um evento no Brasil, pensa-se sempre em São Paulo ou Rio de Janeiro. Há muitas capitais capazes de tal feito, inclusive Belém. Paris adotou navios de cruzeiro para hospedagem e ninguém se queixou. Toda essa campanha contra Belém é surreal, parece o velho espírito de “vira-latas”. Há desafios na Amazônia? Sim, mas também grandes oportunidades. O Brasil poderá mostrar sua importância estratégica na agenda ambiental. Belém dará um show na COP da Amazônia, na COP da Floresta, na COP do Brasil.

Lucas França

CARTAS PARA ESTA SEÇÃO

E-mail: cartas@cartacapital.com.br, ou para a Rua da Consolação, 881, 10º andar, 01301-000, São Paulo, SP.
•Por motivo de espaço, as cartas são selecionadas e podem sofrer cortes. Outras comunicações para a redação devem ser remetidas pelo e-mail redacao@cartacapital.com.br

A Semana

Deplorável liderança

O Brasil é o país que mais mata pessoas transexuais pelo 16º ano consecutivo. Em 2024, foram registrados 105 homicídios. O número é 12% menor que o do ano anterior, mas representa 30% dos 350 casos reportados no mundo inteiro, segundo o Trans Murder Monitoring, uma parceria global de monitoramento de assassinatos de membros da comunidade LGBTQIA+. O levantamento dos dados nacionais foi realizado pela Rede Trans Brasil.

Clima/ Haja diplomacia

Corrêa do Lago tem a hercúlea missão de salvar a COP-30 do fiasco

O presidente Lula indicou, na terça-feira 21, o diplomata André Aranha Corrêa do Lago, secretário de Clima, Energia e Meio Ambiente do Ministério das Relações Exteriores, para assumir a presidência da 30ª Conferência das Nações Unidas sobre as Mudanças Climáticas, a COP-30, que acontecerá de 10 a 21 de novembro, na cidade de Belém. Negociador-chefe do Itamaraty em questões ambientais, Corrêa do Lago foi embaixador do Brasil no Japão de 2013 a 2018 e, posteriormente, chefiou a representação diplomática brasileira na Índia, onde permaneceu até 2023.

Com bom trânsito no governo e bem-quistado por ambientalistas, Corrêa do Lago afirmou ser uma “honra imensa” presidir a COP-30 e estar ciente dos enormes desafios que essa responsabilidade traz. As dificuldades se intensificaram na tarde anterior, quando o presidente dos EUA, Donald Trump, anunciou em seu discurso de posse a intenção de retirar o país do Acordo de Paris, além de incentivar a exploração local de petróleo.

“Não há a menor dúvida de que isso terá um impacto significativo na preparação da

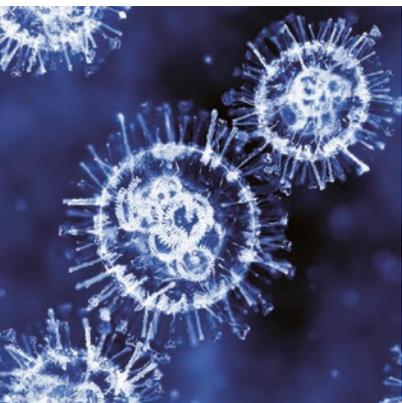


O diplomata assumiu o posto logo após Trump retirar os EUA do Acordo de Paris

COP”, lamentou o diplomata brasileiro. Apesar do balde de água fria, Corrêa do Lago acredita ser possível “contornar a ausência desse país” e avançar na agenda ambiental. “Os EUA continuam membros da Convenção do Clima. Então, sim, há vários canais que permanecem abertos.”

Saúde/ SINAL DE ALERTA

PERNAMBUCO CONFIRMA PRIMEIROS CASOS DE METAPNEUMOVÍRUS EM 2025



Em crianças e idosos, o vírus pode evoluir para manifestações graves

A Secretaria de Saúde de Pernambuco confirmou, na sexta-feira 17, os primeiros casos de metapneumovírus humano (hMPV) em 2025. As pacientes, duas crianças de 1 ano e 7 meses e 3 anos e 11 meses, moradoras do Recife e Jaboatão dos Guararapes, apresentaram febre, tosse, dificuldade respiratória e diarreia, mas já receberam alta hospitalar.

Da mesma família do Vírus Sincicial Respiratório (VSR), o hMPV geralmente provoca sintomas leves, como tosse, febre e congestão nasal, típicos de um resfriado comum. No entanto, em grupos vulneráveis, como crianças pequenas, idosos e pacientes imunocomprometidos, o vírus pode evoluir para doenças mais graves, como bronquite e pneumonia.

Apesar de um surto recen-

te na China, o Ministério da Saúde informou que não há necessidade de ações específicas no Brasil no momento. O hMPV circula no País há mais de 20 anos. Não existe uma vacina específica para o vírus. Mesmo assim, as autoridades sanitárias destacam a importância de manter a carteira vacinal em dia, especialmente os imunizantes contra gripe e Covid-19.

Goiás/ Tiros na UTI

Paciente em surto é morto pela PM após fazer funcionária refém em hospital

Um paciente do Hospital Municipal de Morrinhos, no interior de Goiás, foi morto pela Polícia Militar no sábado 18, após fazer refém uma técnica de enfermagem e amea-



Luiz Cláudio chegou a ser socorrido, mas não resistiu

çá-la com um caco de vidro. Em nota, a corporação afirmou que os agentes adotaram protocolos de gerenciamento de crise para tentar liberar a vítima, mas o paciente permaneceu com “atitude agressiva”, o que levou ao trágico desfecho, com tiros disparados dentro da Unidade de Terapia Intensiva da instituição de saúde.

Nas redes sociais, a família do paciente, identificado como Luiz Cláudio Dias, de 59 anos, criticou a atuação da polícia e anunciou a intenção de levar o caso à Justiça. “Em um momento de surto hipoglicêmico, ele ameaçou uma enfermeira com um caco de vidro. A família lamenta profundamente o medo vivido pela profissional de saúde e manifesta sua solidariedade”, dizia o texto, antes de ponderar as circunstâncias: “Luiz Cláudio, fisicamente enfraquecido, foi rendido e imobilizado. Mesmo nessas condições, foi pisoteado e executado à queima-roupa por dois policiais, de forma desproporcional, cruel e absolutamente inadmissível”.

Blitzes contra eleitores de Lula

A Polícia Federal indiciou quatro ex-dirigentes da Polícia Rodoviária Federal, suspeitos de dificultar o deslocamento de eleitores de Lula nas eleições de 2022. Sob o governo de Jair Bolsonaro, eles organizaram uma série de blitzes em estradas, sobretudo no Nordeste, no dia da votação em segundo turno. Foram indiciados Luís Carlos Reischak Júnior (ex-diretor de Inteligência da PRF), Rodrigo Cardozo Hoppe (ex-diretor de Inteligência substituto), Djairlon Henrique Moura (ex-diretor de Operações) e Adiel Pereira Alcântara (ex-coordenador de Análise de Inteligência), além de Bruno Nonato dos Santos Pereira, ex-coordenador-geral de Inteligência da ANTT. As informações foram reveladas pelo portal UOL.

Amazonas/ VIOLÊNCIA PREMIADA NAS URNAS

VEREADOR MAIS VOTADO DE MANAUS É DENUNCIADO POR HOMICÍDIO

Sargento Salazar (PL), o vereador mais votado de Manaus, é acusado de homicídio pelo Ministério Público do Amazonas. Segundo a denúncia, revelada pela *Folha de S.Paulo*, o crime ocorreu em junho de 2019. O então policial estava em seu carro, sem farda, quando viu um homem roubando a bolsa de uma mulher e fugindo com um cúmplice em uma moto. Salazar perseguiu a dupla, causando uma colisão e, após descer do

carro, atirou várias vezes, matando Felipe Kevin de Oliveira Costa. O outro suspeito fugiu.

Salazar abandonou o local sem registrar a ocorrência. A Polícia Civil não soube quem efetuou os disparos por um ano e meio, até que o portal CM7 divulgou imagens de uma câmera de segurança mencionando o nome de Salazar. Em depoimento, o policial alegou ter agido em legítima defesa. Contudo, a perícia não encontrou ar-

mas no local, e a mulher que teve a bolsa roubada não reconheceu Felipe Kevin como o assaltante que a abordou.

O jornal identificou 24 investigações e processos contra Sargento Salazar desde 2009, incluindo três homicídios. “Como ele sempre trabalhou na rua, a quantidade de processos não se faz tão relevante, visto não haver condenação”, firmou seu advogado, identificado apenas como Carioca.



O então policial teria abandonado o local sem registrar a ocorrência

A Semana

Golpe negado

Antes de ser transferido para um hospital militar, para fazer exames, o presidente afastado e detido da Coreia do Sul, Yoon Suk-yeol, depôs ao Tribunal Constitucional no processo de *impeachment*. Negou a intenção de retirar parlamentares do Congresso em 3 de dezembro, durante o cerco de militares sob seu comando, disse que o intuito era regular o instrumento da lei marcial e afirmou ter agido com “um firme compromisso com a democracia livre”. A Justiça prorrogou a prisão de Suk-yeol por até 20 dias. Se a cassação for aprovada, novas eleições serão convocadas em 60 dias.

Bolívia/Justiça ou *lawfare*?

Juiz ordena a prisão do ex-presidente Evo Morales

As ameaças se concretizaram na sexta-feira 17. Após as reiteradas recusas do ex-presidente Evo Morales em prestar depoimento em um processo no qual é acusado de estupro e tráfico de seres humanos, por supostamente manter relações sexuais e en-

gravidar uma menina em 2015, o juiz Nelson Alberto Rocabado emitiu uma ordem de prisão contra o líder indígena. Em caso de condenação, a pena máxima seria de 20 anos. Segundo Morales, que está em campanha na tentativa de derrubar a proibição de se candidatar a um novo mandato, as acusa-

ções são “inventadas” e não passam de perseguição política. O ex-mandatário culpa o atual, Luis Arce, um pupilo convertido em principal adversário. “Ao reabrir um caso encerrado e utilizado pelo governo interino de (Jeannine) Añez, violando as leis nacionais, a Constituição e o Direito Internacional, o governo de Luis Arce está forçando um processo criminal. Ao inventar acusações, desrespeitar as leis e com a cumplidade dos assassinos da justiça, querem nos prender e acabar com as nossas vidas”, afirmou em outubro.



Morales acusa Arce de perseguição



Bezos é um dos prováveis trilionários do planeta

Desigualdade/ CADA VEZ MAIS RICOS

AUMENTO DO PATRIMÔNIO DE BILIONÁRIOS BATE RECORDE, DIZ OXFAM

A fortuna do 1% no topo da pirâmide no planeta cresceu 2 trilhões de dólares, cerca de 12 trilhões de reais, no ano passado, em um ritmo três vezes maior do que aquele registrado em 2023. Segundo o relatório da Oxfam, ONG dedicada a medir os níveis de desigualdade no mundo, divulgado na segunda-feira 20, antes do início oficial do Fórum Econômico de Davos, os poucos privilegiados

acumulam um patrimônio de 15 trilhões de dólares, ou 90 trilhões de reais. Enquanto o 1% detém 45% da riqueza global, 44% da humanidade subsiste com menos de 6,85 dólares por dia. “Apresentamos este relatório como um alerta de que os cidadãos comuns em todo o mundo estão sendo esmagados pela enorme riqueza de poucos”, afirmou Amitabh Behar, diretor-executivo da

Oxfam. Ele também ressaltou os riscos da prevalência de um sistema no qual esse grupo agora é “praticamente capaz de moldar as políticas econômicas e sociais, o que acaba gerando cada vez mais lucro”. Cerca de quatro indivíduos tornaram-se bilionários a cada semana em 2024. Se o ritmo se mantiver, em uma década assistiremos ao surgimento de ao menos cinco trilionários.



Noboa e González estão empatados nas pesquisas

Equador/ Terceiro turno

O país se prepara para novas eleições presidenciais

Os equatorianos irão às urnas escolher o próximo presidente em 9 de fevereiro e a tendência é uma reedição da disputa de um ano e meio atrás. O atual mandatário, o direitista linha-dura Daniel Noboa, enfrentará Luísa González, de centro-esquerda. A maioria das pesquisas aponta empate técnico entre os candidatos. Em 2023, sob risco de *impeachment*, o então presidente Guilherme Lasso recorreu ao mecanismo constitucional denominado de “morte cruzada”. Renunciou ao cargo e dissolveu o Congresso, o que precipi-

tou a convocação de novas eleições, válidas apenas para o cumprimento dos mandatos em curso. Naquela ocasião, Noboa venceu González no segundo turno. Aos 37 anos, o mandatário é um *nepobaby*. É filho de Álvaro Noboa, o homem mais rico do país, e nasceu em Miami. Durante o curto mandato, adotou medidas atrabiliárias com a promessa de combater a violência e o narcotráfico. Sem sucesso. A taxa de homicídios no país é de 38 por 100 mil habitantes, uma das mais altas do continente. Não bastasse, o desemprego bateu em 11,8% e os problemas de infraestrutura se agravaram.

Vaticano/ RESPOSTA OS ABUSOS

O PAPA FRANCISCO DISSOLVE GRUPO ENVOLVIDO EM ESCÂNDALOS

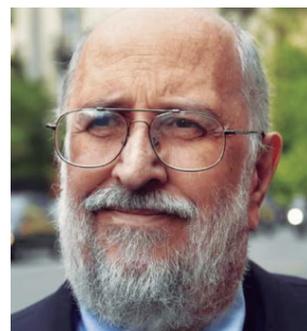
Fundado no Peru em 1971, o Sodalitium Christianae Vitae chegou a ter 20 mil integrantes, com ramificações na América Latina e nos Estados Unidos. Os tempos de glória acabaram. Na segunda-feira 20, o Vaticano anunciou a dissolução da comunidade por ordem do papa Francisco. Faz tempo o Sodalitium é investigado por

abusos sexuais e morais cometidos pelo fundador, Luis Fernando Figari, e por discípulos mais próximos. De acordo com as investigações da Santa Sé, o grupo teria abusado de ao menos 19 menores e 10 adultos. A decisão de Francisco é rara. Em geral, o Vaticano opta por intervir nas comunidades, como fez Bento XVI nos Legio-

nários de Cristo. Jorge Bergoglio elegeu, no entanto, o combate aos abusos sexuais como uma de suas bandeiras. No ano passado, Figari foi expulso do grupo por decisão da Cúria Romana. Ele estava proibido de voltar ao Peru para não “causar mais danos contra o povo”, “ocultar e destruir provas” ou “obstruir o curso da Justiça”.

Tragédia na Turquia

O Ministério da Justiça turco anunciou a prisão do dono do hotel em uma estação de esqui no qual 66 hóspedes e empregados morreram e 51 ficaram feridos em decorrência de um incêndio. As chamas começaram no restaurante localizado no quarto andar do Grand Kartal Hotel, nas montanhas de Bolu, destino popular no período de inverno. As autoridades continuam a investigar as causas da tragédia. Havia 237 hóspedes e, segundo testemunhas, o sistema de detecção de incêndios não funcionou. Por causa das condições climáticas, os bombeiros enfrentaram dificuldade para chegar ao local.



Figari foi expulso pelo Vaticano no ano passado



A urgência de Lewandowski

PARA O MINISTRO, UM PLANO
NACIONAL CONTRA A CRIMINALIDADE
NÃO PODE MAIS ESPERAR

por ANDRÉ BARROCAL

A violência é um drama para o brasileiro na atualidade. Em dezembro, 20% da população apontou como o principal problema nacional em uma pesquisa Genial/Quaest. Empate técnico com a primeira da fila, a economia, citada por 21%. O sentimento das ruas mudou em dois anos. Em abril de 2023, cem dias de Lula, a economia era tida como o maior pepino, mas por 31%. Em seguida, vinham questões sociais (22%) e, em terceiro, juntas, apareciam violência, corrupção e saúde (12%). A partir de 2024, o bolso passou a preocupar menos o povo, em razão da contínua expansão do PIB, do emprego e dos salários, enquanto o crime preocupava mais e mais. “A segurança pública é o debate mais importante no País hoje”, disse a *CartaCapital* o ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski.

Em 15 de janeiro, o ministro enviou ao Palácio do Planalto uma versão ajustada de um plano para a segurança pública. É uma proposta ousada, cujo desenho inicial, de junho de 2024, havia sido apresentado ao presidente Lula e a governadores em 31 de outubro. Altera a Constituição para que o governo federal seja um ator com mais funções no combate ao crime. Desde 1988, essa atribuição é basicamente estadual. “Trazer para si, assumir o risco dessa fonte permanente de desgaste requer coragem política”, afirma o antropólogo Luiz Eduardo Soares, secretário nacional de Segurança Pública em 2003. Eis o motivo da resistência de certos governadores, em especial daqueles da oposição direitista, caso do goiano Ronaldo Caiado e do mineiro Romeu Zema, ambos presidenciáveis. Na visão de Caiado, o plano tira autonomia dos estados.

Lula, comenta um colaborador, não tem pressa nesse debate e até vê vantagem nas críticas dos governadores. O presidente, prossegue, quer que a discussão se prolongue, para ficar claro na opinião

“A SEGURANÇA PÚBLICA É O DEBATE MAIS IMPORTANTE NO PAÍS HOJE”, AFIRMA O TITULAR DA JUSTIÇA

pública que o governo não merece pagar o pato pelos problemas na área da segurança, já que essa é estadual. Daí não haver prazo para mandar ao Congresso o projeto de Lewandowski. O ministro fez cinco reuniões com governadores após apresentar a primeira versão do plano, em outubro, e antes de finalizar a nova. Desas conversas nasceu a ideia de inserir na Constituição um dispositivo que reafirme o poder dos estados para legislar e decidir sobre segurança pública. Lula ainda espera, porém, que a Secretaria de Relações Institucionais da Presidência conclua as consultas aos governadores. Até



Caiado é o mais estridente dos governadores que se opõem às medidas

agora, os estados teriam pedido mais verba federal, entre 10 bilhões e 15 bilhões de reais, sem oferecer contrapartidas.

O ministro da Justiça parece ter um sentido de urgência, movido pela desconfiança de que o abacaxi caiu faz tempo no colo federal. E, mesmo com seu plano ainda na gaveta presidencial, baixou em 17 de janeiro três portarias que, na prática, materializam o espírito da mudança constitucional pretendida. Uma destina-se a enfrentar o crime organizado. As outras duas, a conter abusos policiais. “O País, a sociedade brasileira, precisa rediscutir esse modelo (desenhado em 1988)”, comentou naquele dia.

Pela proposta de emenda constitucional, o País teria uma Política Nacional de Segurança Pública, a abranger inclusive o sistema penitenciário, desenhada em Brasília. A União seria a cabeça das diretrizes de combate ao crime e coordenadora do Sistema Único da Segurança Pública. O SUSP existe desde 2018, mas na lei em vigor não há a figura de um coordenador das estratégias de ação. A PEC também coloca na Constituição dois fundos vigentes, o da Segurança Pública e o Penitenciário, e os protege de bloqueios de verba pela equipe econômica.

Ambos têm, juntos, 2,5 bilhões de reais por ano. Lewandowski defende ainda ampliar o raio de ação da Polícia Federal e da Polícia Rodoviária Federal. E tornar obrigatória a criação de corregedorias e ouvidorias nas polícias brasileiras. Estas trabalham mal e têm culpa pela violência, na avaliação do ministério. “A PEC possui uma visão sistêmica, é uma alternativa às ideias pontuais da direita, como endurecimento de penas e castração química”, disse Lewandowski à reportagem.

Encorpar a PF e a PRF é a face representativa do plano. As duas têm uma tropa de tamanho parecido, 13 mil e 12 mil. O ministro pretende fazer da PRF uma espécie de “PM federal”. Nos estados, a Polícia Civil investiga crimes, enquanto a Polícia Militar sai às ruas para reprimi-los. No âmbito federal, compete à PF investigar,

REPORTAGEM DE CAPA

mas não há polícia ostensiva. A nova PRF cumpriria essa função e teria jurisdição ampliada. Atuará em portos, aeroportos e ferrovias, não só em estradas. De acordo com o ministro, as mercadorias criminosas, como drogas, circulam por todos os meios de transporte, daí ser preciso ir atrás onde estiverem. No ano passado, a PRF fez apreensão recorde de drogas nas rodovias. Foram 850 toneladas, das quais 60% no Paraná e Mato Grosso do Sul, estados de maior fronteira com o Paraguai.

Em novembro de 2023, o governo colocou as Forças Armadas para patrulhar portos e aeroportos em busca de drogas, em uma operação do tipo GLO que durou até junho de 2024. A “PM federal” faria esse trabalho, caso já existisse. Seria empregada também em calamidades públicas e desastres naturais, como aquelas vistas nas enchentes que atingiram o Rio Grande do Sul em 2024. E teria defendido a Esplanada dos Ministérios no levante bolsonarista de 8 de janeiro de 2023, no lugar da PM do Distrito Federal. Essa PM, aliás, é bastante bolsonarizada. Sua cúpula, por ocasião do 8 de janeiro de 2023, será julgada no Supremo Tribunal Federal em breve. A Corte pediu, em dezembro, aos advogados dos oito réus que apresentem seus últimos argumentos de defesa.



Conter a violência policial é uma das metas do plano anunciado pelo ministro

regedoria. No caso da morte de Genivaldo, os três policiais envolvidos foram condenados, em dezembro, por um júri popular. Paulo Rodolpho Lima Nascimento a 28 anos por homicídio e William de Barros Noia e Kleber Nascimento Freitas, a 23 anos, por tortura seguida de morte.

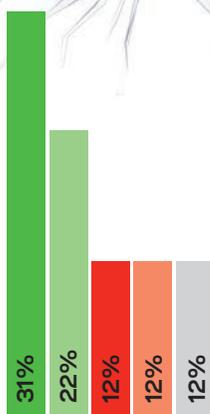
E os policiais rodoviários federais que tentaram atrapalhar o voto do eleitor de Lula no Nordeste no segundo turno da eleição de 2022, serão julgados? Nos últimos dias, a PF incriminou mais quatro

deles, todos ocupantes de cargos importantes na PRF no governo passado. De modo inusual, a corporação fez 2,1 mil operações em estradas do Nordeste entre 28 e 30 de outubro daquele ano. O objetivo, não declarado, seria atrapalhar o fluxo do eleitorado lulista. Por esse mesmo motivo, o chefe da tropa rodoviária na época, Silvinei Vasques, ficou preso em caráter preventivo por um ano, até agosto de 2024, e foi incriminado pela PF. Na avaliação da Polícia Federal, a atitude da PRF na eleição compõe a trama golpista contra o resultado das urnas. A Procuradoria-Geral da República ainda tem de decidir se levará

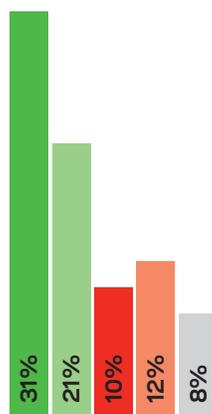
A PRF é outra força bolsonarizada. A corporação que matou um homem de 38 anos, Genivaldo de Jesus, em maio de 2022, em Sergipe, em uma “câmara de gás” durante uma abordagem, atirou na cabeça de uma jovem de 26, Juliane Leite Rangel, em 24 de dezembro no Rio de Janeiro. Juliane está internado em estado grave. Sobre esse episódio, o chefe da PRF no Rio, Vitor Almada, diz ter havido um equívoco dos agentes na abordagem. Eles alegam, conforme Almada, terem ouvido sons de disparo ao se aproximarem do carro do pai de Juliane e por isso atiraram na direção do veículo. Foram afastados das atividades e estão na mira da cor-

A VIOLÊNCIA ENTRE OS PRINCIPAIS

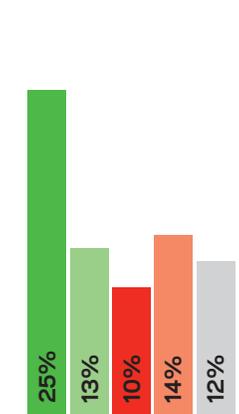
Abril de 2023



Agosto de 2023



Dezembro de 2023



Vasques e o quarteto ao banco dos réus.

O ministro da Justiça quer ampliar ainda o alcance da PF. Inserir na Constituição a responsabilidade de os federais combaterem crimes ambientais, algo que na prática já fazem, e milícias, uma novidade. Milícia é crime tipificado no Código Penal desde 2012. Custa de 4 a 8 anos de cadeia. É montada em geral por PMs. O estado do Rio de Janeiro é, provavelmente, o maior centro miliciano da República. Lá é o berço político do clã Bolsonaro, família que defendia as milícias até o capitão da PM Adriano da Nóbrega, assassinado na Bahia em 2020, tornar-se um personagem incômodo.

UMA DAS PROPOSTAS É TRANSFORMAR A POLÍCIA RODOVIÁRIA FEDERAL EM UMA ESPÉCIE DE "PM" DA UNIÃO

Cruzado. Os autores identificaram que a PM do Rio participa de mais conflitos armados em área de tráfico do que de milícia. Dúvida: seria uma forma de destruir rivais para tomar o lugar?

Enfrentar o controle territorial de facções criminosas e milícias está nos planos do Ministério da Justiça. A pasta pretende tirar do papel, até o fim do semestre, um projeto piloto em uma cidade pequena do Nordeste, cujo nome ainda é mantido em sigilo (era para ser na Bahia, mas será em outro estado). A ideia é mesclar o uso da força na expulsão de criminosos, num primeiro momento, com a oferta de espa-

ços de convivência que contenham oportunidades de emprego, empreendedorismo e educação, em um segundo instante. “A ideia principal é substituir o ciclo econômico do crime pelo ciclo econômico do Estado”, afirmou ao site de *CartaCapital* Mário Sarrubbo, secretário de Segurança Pública do Ministério da Justiça.

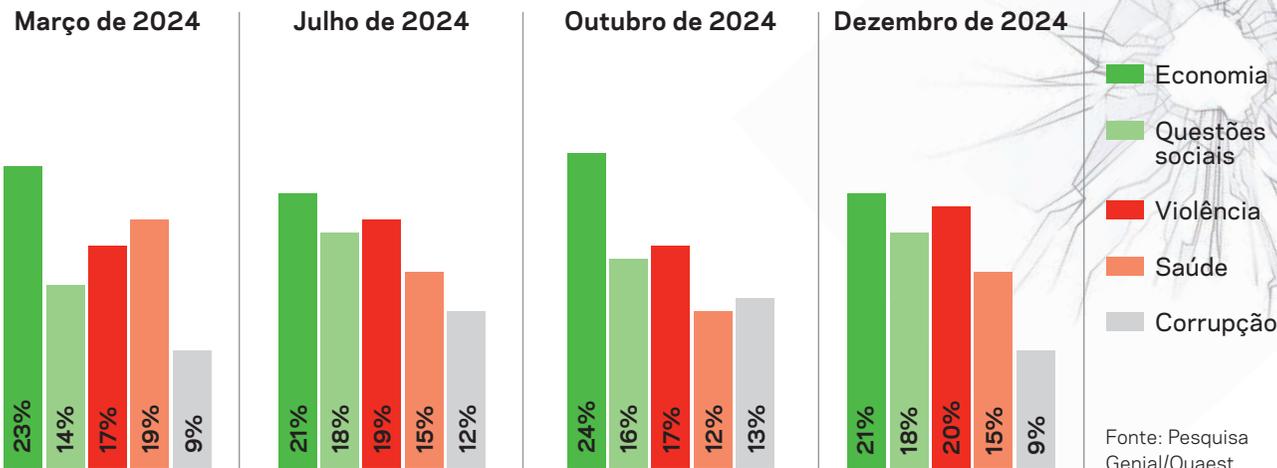
O desenho lembra o projeto das UPPs, levado adiante pelo estado do Rio em 2008, em que unidades policiais eram instaladas em favelas para expulsar facções criminosas e abrir espaço à oferta de serviços públicos. A experiência das UPPs deixou um saldo negativo de violência policial, algo que o projeto piloto de agora tentará evitar. Segundo Sarrubbo, a tomada do território pela polícia precisa ser realizada com baixa letalidade.

O Rio é uma prioridade de retomada do controle territorial exercido por facções. O estado é palco de confrontos frequentes entre a polícia e o tráfico. A reunião de Lula e Lewandowski com governadores em outubro tinha ocorrido uma semana depois de o governador fluminense, Cláudio Castro, fazer um apelo público para que Brasília o socorresse. No dia em que o ministro da Justiça enviou ao

REDES SOCIAIS/PMERJ E REGINA ASSIS

Em 2023, milicianos e traficantes controlavam fisicamente 18% da região metropolitana do Rio, o dobro do tamanho de 2008. Metade desse território está sob domínio do Comando Vermelho. De 2008 para cá, o naco do tráfico cresceu 89% e o das milícias, 204%. Os dados constam da versão 2024 do “Mapa dos Grupos Armados”, feito periodicamente pela Universidade Federal Fluminense e o Instituto Fogo

PROBLEMAS DO PAÍS, SEGUNDO OS BRASILEIROS



REPORTAGEM DE CAPA

Planalto a última versão do plano de segurança pública, 15 de janeiro, houve um fato cinematográfico, mais um, na capital carioca. Um blindado da PM tentou subir uma viela durante uma operação no Complexo da Maré. O chamado “caveirão” derrapou numa ladeira, graças ao óleo jogado no chão. Ideia do Comando Vermelho.

O CV é uma das 88 facções criminosas identificadas entre 2022 e 2024 pelo Ministério da Justiça, segundo um relatório de novembro da Secretaria Nacional de Políticas Penais. Atuam nas cadeias 98% delas e nas ruas, 96%. Duas são multinacionais, graças aos negócios com drogas: o PCC, de São Paulo, e o CV. Serão atingidas de alguma forma pela guerra às drogas decretada por Donald Trump ao tomar posse na Casa Branca, em 20 de janeiro? A propósito, na eleição norte-americana, Trump havia saído publicamente em defesa da legalização do uso recreativo de maconha no estado da Flórida.

A nacionalização e a internacionalização do crime são razões para Lewandowski pregar outro modelo de segurança pública, no qual Brasília tenha protagonismo. “Há um consenso, é evidente que a criminalidade se nacionalizou e até se internacionalizou, se articulou de um mo-

UM PROJETO PILOTO VAI TESTAR A CAPACIDADE DE AS FORÇAS PÚBLICAS RETOMAREM ÁREAS CONTROLADAS PELAS MILÍCIAS E PELO CRIME ORGANIZADO

do muito mais desafiador, muito mais profundo”, diz Soares. A guerra às drogas, lembra, fracassou nos Estados Unidos no passado e, no Brasil, é causa do avanço das facções, que recrutam “soldados” nos presídios cheios de jovens pegos pela PM com pequenas quantidades de drogas. A PM, comenta o antropólogo, só pode prender em flagrante, e não há lei mais fácil de ser usada para mostrar serviço do que a Lei de Drogas, de 2006. O Brasil deveria discutir a descriminalização dessas substâncias, mas não há condições políticas, dado o conservadorismo do Congresso, segundo Soares. Vide a reação parlamentar ao julgamento do Supremo que tende a descriminalizar posse e porte de pequenas quantidades de maconha.

A população carcerária brasileira é de 650 mil, conforme o Conselho Nacional de Justiça. É a terceira maior do mundo, atrás de EUA e China. O Brasil possui a quinta maior população do planeta, o que significa uma desproporção de encarcerados. Lewandowski concorda que o encarceramento massivo alimenta as facções. Tem trabalhado com o Supremo para levar adiante o Pena Justa, um programa aprovado em dezembro pelo CNJ para, em suma, deixar na cadeia quem de fato merece.

Na batalha contra as facções, o Ministério da Justiça aposta, desde Flávio Dino, antecessor de Lewandowski, em inteligência e cerco econômico. Uma das portarias de 17 de janeiro assinada pelo atual titular da pasta cria um núcleo estratégico de combate ao crime organizado. Proposta do diretor da PF, Andrei Rodrigues. O núcleo será formado por repartições da pasta da Justiça. Terá a missão de mapear as organizações criminosas, como elas se estruturam e ganham dinheiro, estudar formas de confiscar bens e descapitalizá-las. O grupo fará reuniões mensais e adotará um plano anual de ação. “Estrangulamento financeiro das organizações criminosas”, afirmou o ministro ao assinar a portaria.

Ao promover um trabalho integrado de alguns órgãos, a portaria tira do papel um dos pilares da PEC da Segurança Pública.



Nos presídios lotados, as facções recrutam seus soldados. O tráfico se internacionalizou

Outras duas portarias de 17 de janeiro dão concretude a um segundo pilar: a função federal de coordenar e definir estratégias e procedimentos. Elas estabelecem regras para o uso da força pelas polícias. O objetivo é conter os abusos das PMs, como os de dois casos assustadores de dezembro em São Paulo. O do manobrista de 25 anos atirado de uma ponte de 3 metros pelo soldado Luan Felipe Alves Pereira, preso por tentativa de homicídio. E o do jovem de 24 anos baleado à queima-roupa enquanto filmava uma abordagem policial. “O governo de São Paulo perdeu o comando da tropa”, diz Samira Bueno, diretora-executiva do Fórum Brasileiro de Segurança Pública, que menciona ainda Rio e Bahia como estados em situação crítica.

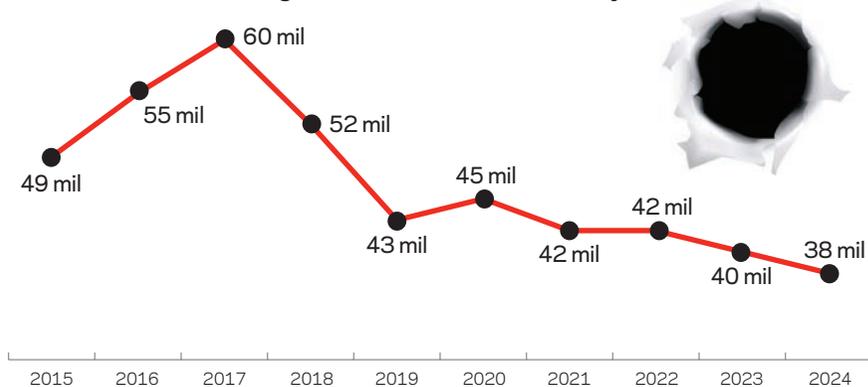
As portarias estabelecem uma espécie de escala progressiva para o uso da força policial. Arma de fogo só pode ser utilizada em casos bem graves e específicos. *Spray* de pimenta e arma de choque devem ser opções preferenciais. O Ministério da Justiça investiu 120 milhões de reais para comprar 249 mil *sprays* e 22 mil armas de choque, os *tasers*. Quantidades capazes de suprir de 50% a 70% das necessidades atuais. Mas só vai distribuí-los aos estados que toparem cumprir as regras da portaria. O mesmo vale para o financiamento da compra de câmeras para fardas de PMs. O governador paulista, Tarcísio de Freitas, havia prometido na eleição acabar com tais câmeras, mas desistiu, após o episódio do homem atirado da ponte. Admitiu publicamente estar errado. Seu governo levou adiante, porém, uma licitação para comprar câmeras mais baratas, que não filmam o tempo todo, só quando acionadas. Se quiser comprar o equipamento que grava o tempo todo e precisar de dinheiro federal, terá de aceitar as regras das portarias.

Os despachos baseiam-se em uma lei de 2014, a 13.060, segundo a qual não é legítimo atirar em um fugitivo ou em um

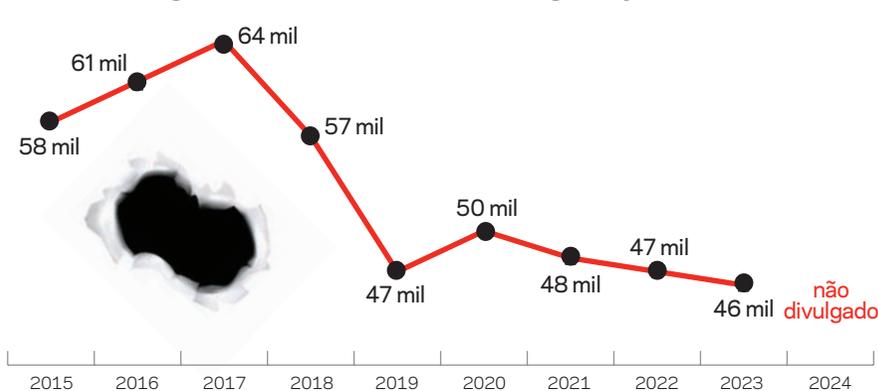
O NÚMERO DE ASSASSINATOS NO BRASIL

Discrepância de dados pode acabar, caso haja na Constituição um “SUS da Segurança Pública”

Segundo o Ministério da Justiça



Segundo o Fórum Brasileiro de Segurança Pública



veículo que fuja de bloqueio, a menos que em ambos os casos haja risco para a vida dos policiais envolvidos. A lei nasceu de um projeto apresentado em 2005 pelo então senador Marcelo Crivella, prefeito do Rio de 2017 a 2020. Em 23 de dezembro de 2024, Lula e Lewandowski assinaram um decreto para detalhar o espírito da lei, que respaldou as recentes portarias. Tanto no decreto quanto na portaria, está expresso que arma de fogo só deve ser utilizada pela polícia em último caso. Os governadores reclamaram. Freitas, Castro e Zema querem sua revogação. Caiado, o mais vocal deles, chamou de “presente de Natal” para o crime organizado.

O Fórum Brasileiro estima que a polícia mate cerca de 6 mil cidadãos por ano, 13% do total de assassinatos de 2022 e 2023 apurados pela entidade, 47 mil e 46 mil, respectivamente. Os números do Ministério da Justiça são diferentes: 42 mil e 40 mil. Em 2024, a pasta calcula 38 mil casos. A discrepância poderia acabar, caso houvesse uma política nacional de segurança pública coordenada por Brasília, com regras padronizadas para todos os estados. Um País que não sabe ao certo quantos assassinatos ocorrem por ano é sinal de um modelo falido que precisa, mesmo, de uma mudança profunda. •



Apocalipse em curso

CRISE CLIMÁTICA Conheça cinco áreas do Brasil com o futuro iminente comprometido pelo aquecimento global

POR FABÍOLA MENDONÇA

A saída dos Estados Unidos do Acordo de Paris tende a relançar a corrida pela exploração de petróleo e gás. Pior para o mundo, que experimenta a cada dia novos recordes de aquecimento. Pior para nós. O Brasil abriga ao menos cinco áreas sob risco de desaparecimento em um curto espaço de tempo. Recife é uma delas. Segundo o Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas (IPCC), a capital pernambucana figura na 16ª posição entre as cidades mais ameaçadas pelas mudanças climáticas.

Não é a única. Em Atafona, no município de São João da Barra, litoral norte do Rio de Janeiro, o apocalipse está em curso. Lá, o desgaste provocado pela erosão causada pelo avanço do mar de até 2,7 metros por ano destruiu mais de 500 construções, enquanto 14 quarteirões foram submersos. A Baía de Babitonga, em Joinville, Santa Catarina, corre contra o relógio. As pesquisas indicam que a região pode desaparecer até 2050 em razão da elevação do nível do oceano. Situada no litoral nordestino entre Pernambuco e Alagoas, a Costa dos Corais assiste a um acelerado processo de extinção das barreiras por conta do branqueamento da espécie e do aquecimento das águas. Também é dado como certo o fim do Pantanal, se nada for feito para impedir as queimadas e a seca extrema que castigam o bioma nos últimos anos. “Se continuarmos com o aque-

cimento global e com os desmatamentos, provavelmente perderemos o Pantanal até 2070. Estudos mostram que, desde 1985, o bioma sofreu redução de mais de 30% de sua área, porque as chuvas estão diminuindo”, afirma o climatologista Carlos Nobre, referência mundial nas pesquisas sobre aquecimento global. O especialista menciona ainda a urgência em reverter a extinção dos corais, que abrigam até 25% da biodiversidade oceânica.

O branqueamento dos corais é um fenômeno global, devido à superluminosidade solar, levando os arrecifes a um nível de estresse agudo até a morte. Em 2024, em decorrência do que os pesquisadores chamam de quarta onda do branqueamento, mais de 80% das espécies da Costa dos Corais morreram. “Esse prenúncio foi dado há anos como um alerta em relação aos combustíveis fósseis. Ao contrário do que estamos vendo, o mundo deveria diminuir o número de licenciamentos para exploração de petróleo e gás. É um problema que debatemos em todas as COPs, está em todos os eventos sobre clima, não é

novidade para ninguém”, salienta o biólogo marinho Vinícius Nora, gerente de Clima e Oceanos da ONG Instituto Arayara. “A gente viveu com os mares em febre durante 13 meses entre 2023 e 2024. A temperatura, mês a mês, de forma consecutiva, só aumentava. Estamos assistindo ao resultado disso, o fim dos corais.”

Segundo o especialista, se a temperatura alcançar os 2 graus Celsius de elevação como está previsto até 2050 é certa a morte de 99% dos corais no mundo todo. “Os líderes globais negociam o desaparecimento de 70% a 90% dos corais. Se 1,5 grau Celsius representa a morte de 70% a 90% desses organismos marinhos, acima disso é praticamente a extinção. Sem falar que, geralmente, a ciência projeta algo que, muitas vezes, a situação é pior, ou sai do controle, e o dado real é outro”, diz Nora.

Em Atafona, no Recife e na Baía de Babitonga, os efeitos da crise climática são bastante parecidos, ameaçando destruir esses locais devido à elevação do nível do mar, de inundações e ocupações desordenadas do solo. Desde a década de 1960, Atafona sofre com um crescente desequilíbrio ambiental, com a perda de sedimentos e da água doce provenientes do Rio Paraíba do Sul, represado em vários momentos. Os sedimentos serviam como uma espécie de barreira natural que impedia o avanço do nível no mar na região. Sem esse recurso, o local passou a ter grandes ressacas e destruição. Associada a isso,

Recife, a capital pernambucana, pode tornar-se inabitável em poucas décadas

TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 20

Propag. Governadores recorrem ao Congresso para derrubar os vetos de Lula



Troco. Na fluminense Atafona, o mar invade áreas residenciais e engole tudo o que vê pela frente. No Recife, as inundações são corriqueiras e especialistas projetam um descontrole do fluxo das águas se nada for feito nos próximos anos



MAURO PIMENTEL/AFP E ISTOCKPHOTO

houve uma exploração imobiliária acen- tuada, com construções de casas e condo- mínios de veraneio. “Essa ocupação inde- vida destruiu restingas, áreas que seriam um anteparo entre o mar e o continente. É sempre bom identificar o que é o efeito da mudança climática e o que é uma pré- vulnerabilidade climática, fruto da ação humana desordenada. E isso acaba pro- vocando esses efeitos”, destaca o pesqui- sador Carlos Bocuhy, presidente do Ins- tituto Brasileiro de Proteção Ambiental.

Distante 320 quilômetros da capital fluminense, Atafona fica na foz do Rio Paraíba do Sul, considerado o segundo maior delta do País e a hidrovía mais importante da Região Sudeste. A bacia abastece mais de 180 municípios. Desde o fim da déca- da de 1950, o fluxo do Paraíba tem sido desviado, reduzindo significativamente o curso para o oceano e a carga de sedi- mentos que impediam o avanço do nível do mar. “Esse volume de água que foi re- duzido também diminuiu a quantidade de sedimentos que eram carreados, levados para a região do delta do Rio Paraíba do Sul. Esse fluxo de água com sedimentos estabilizava a costa, formava uma barre- ra que protegia toda a região. Aí, o mar co- meçou a entrar com mais força e prejudi- cou toda a área, causando erosão costeira”, explica André Ferretti, da Fundação Gru- po Boticário e integrante da Rede de Es- pecialistas em Conservação da Natureza.

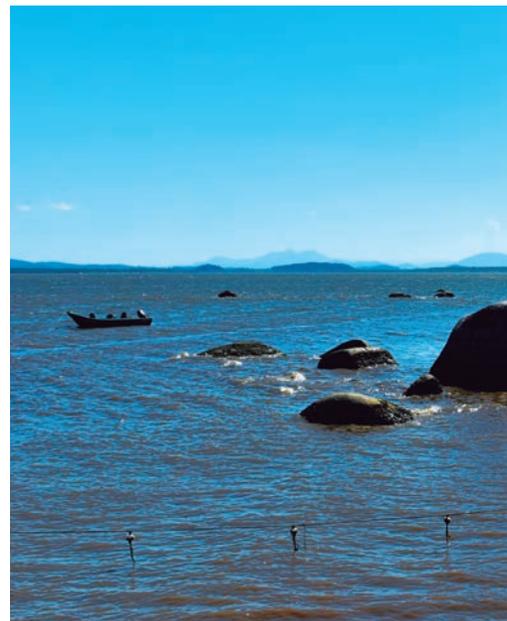
Segundo o pesquisador, Atafona tem perdido uma média de 3 metros de ter- ritório ao ano e, em alguns períodos, co- mo em 2008 e 2009, essa perda chegou a 8 metros. A tragédia anunciada é digna de uma paisagem de filme de terror. Por baixo das dunas que separam a praia do continente estão centenas de residências, mansões, hotéis, postos de gasolina, es- colas, igrejas, barcos e um farol históri- co. As ondas do mar também engoliram uma ilha onde moravam 300 famílias de pescadores, a 200 metros da costa. A tra- gédia ainda é responsável pela morte de



Atafona, Babitonga, a Costa dos Corais e o Pantanal também figuram na lista de regiões ameaçadas

90% dos manguezais, hábitat da popula- ção de caranguejos. “As histórias da Ata- fona a gente conhece há mais de 50 anos. Quais foram as políticas públicas implan- tadas pelos governos do estado e munic- ipal para enfrentar esses tipos de coisas? Nenhuma. Ao contrário, a cidade estimu- lou a construção de condomínios e pré- díos na região, com isenção de impostos, e a mesma coisa acontece no Recife e em Joinville”, critica o ambientalista Pedro Aranha, da Coalizão pelo Clima.

O caso do Recife é emblemático e cons- ta na lista da ONU como uma das cidades que podem ficar inabitáveis em decorrên- cia da crise climática. A capital pernambucana é margeada pelo Rio Capibaribe e as pequenas ilhas têm construções er- guidas quase na água. Essa moldura reci- fense não é nova, existe desde os primór-



dios, ainda na construção da cidade, no sé- culo XVI, mas tem se consolidado ao lon- go do tempo, como se não houvesse ama- nhã. A exploração imobiliária parece não se preocupar com o dado do IPCC e conti- nua a inaugurar arranha-céus às margens do rio e à beira-mar. E, claro, tudo isso não aconteceu sem a destruição de restingas e manguezais que resguardam a zona cos- teira e reduzem a força da água, diminu-



ISTOCKPHOTO E CBMT/GOV.MT

do os problemas de erosão, e as matas ciliares, essenciais para proteger os rios e manter os canais de drenagem naturais.

A cidade está apenas 4 metros acima do nível do mar, o que a torna uma espécie de barragem permanente, afetada pelo aumento do nível do mar e sob risco de rompimento a cada chuva intensa pela baixa topografia rodeada e de áreas de alta de-

clividade que direcionam a água para os pontos mais baixos. Para além do avanço dos oceanos e das construções afortunadas às margens do rio ou do mar, Recife é repleta de morros, comunidades com grande densidade demográfica que sofrem na pele os efeitos de eventos extremos, sobretudo em períodos de chuvas intensas, como aquela de maio de 2022, com saldo de cerca de 50 mortos e milhares de desabrigados. “As condições da vida humana vão ficar inviáveis no Recife. E não é só uma questão do alagamento. Ainda vai demorar para a cidade ficar debaixo d’água, mas vai chegar um momento, creio que na próxima década, que você vai dar descarga no seu banheiro e a água vai voltar, não vai dar mais para lavar uma louça, para tomar banho. Vai ter tanta água poluída e misturada que não vai ter mais como fazer o tratamento, pois vai estar tudo contaminado. O volume nas tubulações vai ser tão grande que a água vai submergir. E tem também o fato de o aquecimento dos oceanos mudar as correntes, o que vai gerar todo um desequilíbrio no sistema hídrico sem precedentes. O aquecimento da temperatura da Terra e dos oceanos e o degelo vão gerar as enchentes que causarão essa tragédia”, prevê Aranha.

Consequência. Os desmatamentos apressam a agonia do Pantanal. Daqui a pouco a Costa dos Corais terá de mudar de nome. Babitonga está cercada

O sistema de drenagem é outro problema a ser enfrentado no Recife. A cidade não suporta um volume grande de chuva – rapidamente fica alagada e os deslizamentos começam a fazer vítimas. Com a previsão anunciada pelo IPCC e os efeitos práticos e trágicos da crise climática sentidos na capital pernambucana, a prefeitura desenvolve, há mais de dez anos, projetos voltados para mitigar os danos, como o Promorar, Programa de Requalificação e Resiliência Urbana em Áreas de Vulnerabilidade Socioambiental. Financiado pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento e com cooperação técnica do governo holandês, o programa prevê a urbanização integrada, com obras de macrodrenagem, abastecimento de água, saneamento e pavimentação. “Temos um problema histórico que não será resolvido da noite para o dia. Mas temos um conjunto de obras que começa a produzir efeito. Vai desde reservatórios sobre pavimento, parques alagáveis, comportas, diques, em que a gente vai conseguir atingir a redução de 50% no volume da bacia do Rio Tejipiú, a maior responsável pelos alagamentos no Recife”, explica Beatriz Menezes, secretária-executiva do Programa Promorar. “Não é milagre, mas todo ano a gente vai ver os impactos das chuvas serem cada vez menores.”

Assim como em Atafona e no Recife, a Baía da Babitonga sofre com a elevação do nível do mar, destruição da vegetação costeira e ocupação irregular do solo. “É uma região muito suscetível a eventos extremos, a inundações, tanto por conta do avanço do mar e da força das marés quanto pelas chuvas que se somam à força do oceano. É um problema causado por questões geográficas e pelo alto volume de chuvas”, diz Ferretti. ●

Desata-me ou te devoro

RENEGOCIAÇÃO Rebelados, governadores de siglas da oposição recorrem ao Congresso para derrubar os vetos de Lula ao Propag

POR MAURÍCIO THUSWOHL

A dívida dos estados com a União, estimada em 760 bilhões de reais, é um dos nós cegos que amarram o crescimento econômico brasileiro. Qualquer tentativa de solucionar esse antigo problema deveria, portanto, ser encarada pelos governos estaduais como uma boia de salvação, mas a tese não se aplica ao Brasil polarizado de hoje. Com a eleição de 2026 já a despontar no horizonte, o anúncio da sanção com vetos do Programa de Pleno Pagamento de Dívidas dos Estados (Propag) pelo governo federal provocou uma onda de fúria nos governadores de Minas Gerais, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, em uma equação que mistura cálculos econômicos e políticos. As respostas do presidente Lula e do ministro da Fazenda, Fernando Haddad, à “rebelião” dos mandatários foram incisivas, mas um eventual impasse duradouro com Romeu Zema, do Novo, Cláudio Castro, do PL, e Eduardo Leite, do PSDB, possivelmente implicará a derrota política do governo federal em uma iniciativa de interesse federativo e – ao menos deveria ser – apartidária. Os três estados, ao lado de São Paulo, respondem por 90% da colossal dívida com a União.

Incomodou os governadores de opo-

sição os dez vetos anunciados por Lula a itens que previam, por exemplo, a utilização das verbas do Fundo Nacional de Desenvolvimento Regional (FNDR) – criado com a reforma tributária para compensar a perda de arrecadação estadual – para o abatimento dos juros da dívida. Outro veto impede a utilização para o mesmo fim de recursos obtidos com *royalties* de exploração de recursos naturais como petróleo e gás. Segundo o Executivo, foram vetados todos os pontos aprovados pelo Congresso que implicariam aumento do impacto fiscal e ameaçariam o resultado primário do governo.

O Ministério da Fazenda estima uma perda de 20 bilhões de reais por ano com o Propag. Segundo as novas regras, que substituem o Regime de Recuperação Fiscal de Michel Temer, o estado que conseguir reduzir sua dívida em 10% até o fim deste ano terá a taxa de juros – hoje medida pelo IPCA mais 4% ao ano – reduzi-

Atualmente, a dívida dos estados com a União é estimada em 760 bilhões de reais

da para 2% anuais. Se a redução da dívida chegar a 20%, o estado terá direito a juro zero. O pagamento total da dívida poderá ser feito em até 30 anos e estão previstas diversas formas de abatimento dos juros, como entrega de ativos ou investimentos em educação e segurança pública.

“O projeto não teve vetos, a palavra certa é mutilação”, queixou-se Cláudio Castro. Do mesmo partido de Jair Bolsonaro, o governador do Rio disse que Lula não tem verdadeiro interesse em “ajudar governadores que não estiveram presentes” nas eleições de 2022: “Foi um veto 100% político. Impedir o uso do FNDR, na prática, mata o Propag”. Já Eduardo Leite se disse “indignado” com os vetos que, segundo o governador gaúcho, contrariam a suspensão da dívida por três anos para que o estado possa recuperar-se economicamente das enchentes do ano passado. O mais incisivo do trio foi Romeu Zema: “Lula quer obrigar os mineiros a repassarem 5 bilhões a mais em 2025 e 2026, apesar do recorde de arrecadação federal. É dinheiro para sustentar privilégios e mordomias”.

O governo reagiu de imediato. Haddad afirmou que Zema “critica privilégios enquanto sancionou aumento do próprio salário em 298% durante o Regime de Recuperação Fiscal”. Lula chamou de “ingratos” os governadores dos estados que mais devem à União: “Deveriam estar agradecendo ao governo federal e ao Congresso Nacional. Alguns criticam porque não querem pagar, mas agora vão ter de pagar”. Haddad avalia que o Propag foi além do que esperavam os governadores: “Crítico faz parte da vida política, mas eles nem sonhavam com um ato tão republicano”.

Para o economista Luiz Gonzaga Belluzzo, colunista e conselheiro editorial de *CartaCapital*, há nessa celeuma um componente muito mais político do que de racionalidade econômica: “O Pro-



Zema tentou
constranger o
governo federal,
mas recebeu uma
invertida de Haddad

pag é uma proposta bem razoável, e esses vetos que Lula fez não prejudicam o conjunto da obra. Os estados podem usar vários instrumentos para reduzir a dívida, o que mais os governadores querem? Nesse quadro do mercado reclamando pelo controle fiscal, os estados têm que dar seu quinhão de contribuição também. Não estou vendo outra explicação para a resistência, a não ser o fato de que a oposição quer destruir o que o governo faz”. Belluzzo destaca a criação do Fundo de Equalização Federativa, que receberá aportes dos estados e também da União até o pagamento completo da dívida: “É uma proposta interessante, pois

permite que os estados possam investir”.

Ex-vice-governador do Rio, o deputado Luiz Paulo Córrea da Rocha, do PSD, avalia que o Propag, em tese, é melhor do que o Regime de Recuperação Fiscal, porque traz a possibilidade concreta de os estados reduzirem o tamanho da dívida e trabalharem com juro zero: “O sonho de todos os estados é abater 20% da dívida com a União”. Politicamente, alerta, a adesão ao Propag é um objetivo a se perseguir: “Se não houver acordo com os governadores, não tem negócio, há uma escalada pela frente. Acenar com o juro zero é um avanço inexorável, mas pagar essa entrada da dívida de 20% é um grande

desafio. Os estados têm de fazer esse esforço, não pode ser na base do tudo ou nada. A adesão ao Propag é necessária para a saúde dos estados, principalmente aqueles que estão no Regime de Recuperação Fiscal precisam fazer essa adesão”.

Professor da UFRJ e especialista em temas ligados ao desenvolvimento econômico fluminense, Mauro Osório afirma que a maior qualidade do Propag é ser mais flexível: “Trata da queda da taxa de juros, o que antes não havia, é um enorme avanço em relação ao regime anterior”. Ele avalia como uma missão muito difícil para o Rio de Janeiro conseguir obter os 20% para zerar a taxa de juros: “A lei orçamentária deste ano prevê um déficit de 4,6 bilhões, e Castro já vendeu a Cedae. A situação do Rio é muito mais grave do que as de Minas, São Paulo e Rio Grande do Sul, que ainda têm ativos a negociar. Desde os anos 1970, quando se consolidou a transferência da capital, o estado perdeu uma participação no PIB de mais de 30%, desde 1985 é a unidade da federação onde o emprego formal menos cresceu”, enumera. Ele sintetiza a questão em três perguntas: “O Propag melhora a situação dos estados? Muito. Os estados conseguirão cumprir o acordo? Não sei. O Rio tem feito o dever de casa? Não”.

Os vetos de Lula ainda podem ser derrubados no Congresso. Com reação mais discreta que outros mandatários, o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas, do Republicanos, reuniu-se com o presidente da Câmara, Arthur Lira, do PP, para tratar do tema. Relator do projeto aprovado na Câmara, o deputado Doutor Luizinho, do PP, diz que os vetos “serão derrubados com certeza” quando os governadores exercerem pressão sobre suas bancadas. Aderiram à grita contra o Propag os governadores do Distrito Federal, Ibaneis Rocha, do MDB, e de Goiás, Ronaldo Caiado, do União Brasil, pré-candidato à Presidência em 2026. •



Por todos os lados

MST Prestes a completar 40 anos de seu primeiro congresso, o movimento enfrenta o cerco das milícias no campo e da bancada do atraso no Parlamento

POR MARIANA SERAFINI

“Que o governo implante a reforma agrária com a participação dos trabalhadores como única forma de acabar com a violência no meio rural.” A reivindicação consta no documento final do primeiro Congresso Nacional dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, realizado pelo MST há quase 40 anos, entre 29 e 31 de janeiro

de 1985. De lá para cá, 400 mil famílias foram assentadas, mas o processo permanece inconcluso: outras 70 mil seguem acampadas, à espera de um lote para plantar e garantir a subsistência. A paz no campo também parece um sonho distante. Milícias de fazendeiros intimidam os que seguem na luta por um pedaço de terra. Mesmo quem já conquistou o seu quinhão vive sob ameaça constante de grileiros e pistoleiros, co-

mo prova o recente ataque ao assentamento Olga Benário, em Tremembé, no interior paulista, que resultou na morte de dois agricultores: Gleison Barbosa e Valdir Nascimento, o Valdirzão.

De acordo com a Comissão Pastoral da Terra, 2023 foi um dos anos mais violentos do período recente para os camponeses, quando foram registrados 31 assassinatos e 1.056 conflitos por terra e água. Em 2024, o número de mortes caiu para 12, mas as disputas aumentaram, e ganharam novos contornos. Agora os assentados também são alvo de incêndios criminosos e tentativas de invasão promovidas pela especulação imobiliária – em Tremembé, por exemplo, os pistoleiros pretendiam tomar um lote para abrir um condomínio residencial. O cerco estende-se ao Congresso Nacional, onde tramitam mais de 20 projetos para criminalizar a luta dos sem-terra, vários deles já aprovados pela Comissão de Constituição e Justiça da Câmara, presidida pela bolsonarista Caroline



De Toni, do PL, uma das intransigentes defensoras da propriedade privada, acima de qualquer outro direito. “Esse cenário tende a se agravar, porque é uma disputa política desigual”, lamenta Gilmar Mauro, da coordenação nacional do MST. “Temos a legislatura mais reacionária desde o fim da ditadura.”

A boa vontade com o governo Lula também está por um fio. No fim do ano passado, João Pedro Stedile, um dos fundadores do MST, não escondeu o descontentamento com a demora na retomada do programa de reforma agrária, após o desmonte promovido nos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. “Ela está absolutamente parada nesses dois anos. Todo mundo tem as suas desculpas. ‘Ah, tivemos que remontar o Ministério do Desenvolvimento Agrário. Ah, não tivemos orçamento no primeiro ano’. Tudo bem, nós somos pacientes, mas isso pode explicar a inoperância do primeiro ano. Mas já esta-

mos no fim do segundo e, em 24 meses, avançou quase nada”, afirmou, em entrevista ao *Repórter Brasil*.

Na quinta-feira 23, após a conclusão desta reportagem, o ministro do Desenvolvimento Agrário, Paulo Teixeira, deve participar da reunião da coordenação nacional do MST em Belém. Na ocasião, ele vai detalhar o plano de investimento do governo federal para retomar a reforma agrária. *A CartaCapital*, o ministro antecipou a destinação de 3,2 bilhões de reais para a aquisição de terras e outro 1,5 bilhão de reais para investir nos assentamentos neste ano. Teixeira reconhece que os recursos tardaram a ser

“Em 24 meses, avançou quase nada”, disse Stédile, ao criticar a letargia do governo Lula

Luta. De 1985 para cá, 400 mil famílias foram assentadas. Outras 70 mil seguem acampadas, à espera de um lote. A paz no campo ainda é um sonho distante

disponibilizados, mas por circunstâncias alheias à sua vontade. “Tudo estava paralisado desde 2016. O MDA foi extinto, o Incra acabou esvaziado. Foi ditada uma normativa impeditiva da reforma agrária. Recebemos o orçamento de 2023 sem um tostão para obtenção de terras. Lutamos e conseguimos aumentar esse orçamento para 2024, mas ainda assim foi modesto, e o recurso demorou a chegar. Agora, está tudo pronto para as entregas. Isso permite retomar o programa de reforma agrária de maneira robusta”, afiança (*leia a entrevista completa à pág. 26*).

Após o ataque ao assentamento Olga Benário, Teixeira solicitou ao ministro da Justiça, Ricardo Lewandowski, a inclusão da Polícia Federal na Comissão

Nacional de Enfrentamento à Violência no Campo, para reforçar o seu núcleo de inteligência. Reinstalado por Lula em novembro de 2023, o colegiado tem encaminhado agricultores ameaçados para um programa de proteção, o que contribuiu para a expressiva redução das mortes em conflitos agrários verificada no ano passado, reconhece Valéria Pereira dos Santos, da coordenação da CPT. Ela alerta, porém, que os grupos paramilitares responsáveis por atentados em assentamentos e áreas quilombolas estão cada vez mais sofisticados e fortalecidos, e por isso é urgente uma ação mais efetiva do Estado. “O Movimento Invasão Zero está por trás de vários conflitos. Eles têm CNJP e escritórios ativos em muitas localidades. Atualmente, estão mais fortes em Goiás, Mato Grosso e Bahia. Em muitos casos, contam com respaldo político nas Assembleias Legislativas”, observa. “A sociedade percebe com facilidade os ataques contra os movimentos sociais no Congresso Nacional, mas nas Câmaras estaduais também há inúmeros projetos de criminalização da luta pela terra sendo aprovados.”

Ayala Ferreira, dirigente do setorial de direitos humanos do MST, avalia que a tentativa de criminalizar o movimento na CCJ da Câmara é um desdobramento da CPI do MST, realizada em 2023. “Depois disso, vários parlamentares da extrema-direita se posicionaram em comissões que consideram estratégias para defender os interesses dos ruralistas.” Diante do cenário adverso, os trabalhadores sem-terra elaboraram um robusto dossiê sobre a violência do Invasão Zero contra os assentamentos e acampamentos dos sem-terra e o encaminharam ao Ministério da Justiça, à época comandado por Flávio Dino, hoje do Supremo Tribunal Federal. “Fizemos denúncias na Ouvidoria Agrária e apresentamos vários casos de violência em todas as instâncias pertinentes. Ne-



Conjuntura. Ainda sob o impacto do brutal ataque ao assentamento Olga Benário, no interior paulista, Gilmar Mauro e João Pedro Stédile apostam na agroecologia para aproximar cada vez mais o MST da sociedade brasileira

nhum membro do governo pode alegar que não tem ciência do que está acontecendo”, indigna-se a dirigente.

Teixeira garante já ter acionado o Ministério Público Federal, mas a representante da CPT teme que a investigação se arraste indefinidamente. “Nosso medo é que a atuação desse grupo leve a um agravamento ainda maior da violên-

cia no campo”, afirma Santos. Segundo ela, o Invasão Zero é uma organização complexa composta de sindicatos rurais patronais, policiais militares destacados para a Patrulha Rural e empresas privadas de segurança. “Tem todas as características do que foi a União Democrática Ruralista dos anos 1980”, diz, referindo-se à milícia rural fundada por



Luiz Antônio Nabhan Garcia, que mais tarde foi nomeado secretário de Assuntos Fundiários do governo Bolsonaro e segue atuante em defesa do latifúndio.

No Congresso Nacional, há expectativa de melhora no cenário a partir de fevereiro, a depender da nova composição da CCJ, explica o deputado federal Orlando Silva, que integra da Comissão. “No último período, a CCJ foi presidida por uma deputada alinhada ao bolsonarismo, que buscou impor a agenda reacionária da extrema-direita, com perseguição aos movimentos sociais, principalmente ao MST, mas também pautas contrárias aos direitos das mulheres, da comunidade LGBTQIA+ e outros retrocessos”, explica. Para o parlamentar, a melhor forma de mudar essa conjuntura é ampliar o diálogo. “Não podemos deixar o centro formar bloco com a extrema-direita, pois aí eles consolidam maioria. Por isso, é necessário amplitu-

de, capacidade de diálogo e fazer a leitura política adequada a cada momento.”

Apesar do cerco, Gilmar Mauro acredita ser possível aproximar cada vez mais o MST da sociedade com o fomento a uma nova forma de produção, baseada nos princípios da agroecologia. “Não queremos apenas a distribuição de terra, é preciso estabelecer uma forma sustentável de agricultura, ou vamos colapsar.” Na avaliação do dirigente, o MST só conseguiu sobreviver até aqui e ampliar sua capilaridade graças à pluralidade que marca o movimento desde o

seu nascedouro. “Todos participam, inclusive mulheres, jovens e crianças.” Para os pequenos, aliás, existe um segmento específico, o “Sem-terrinha”, no qual, em meio a brincadeiras e atividades lúdicas, a luta pela terra é levada muito a sério, eles têm até um jornal.

Além da reforma agrária, o movimento propõe-se a discutir formação política, saúde, meio ambiente, questões de gênero e educação. Esse último item é uma ferramenta de aproximação com a sociedade, uma vez que os trabalhadores sem-terra replicam o método de alfabetização cubano, inspirado em Paulo Freire, para combater o analfabetismo em áreas pobres e países em desenvolvimento. Essa comunicação propositiva é um dos elementos fundamentais do movimento, explica o dirigente. “Entendemos que sem alianças políticas não seria possível avançar com a reforma agrária, então estabelecemos alianças com diversos setores da sociedade.” •

A CPT captou uma redução das mortes e um aumento do número de conflitos no campo em 2024

O recurso chegou

ENTREVISTA Paulo Teixeira anuncia a destinação de 3,2 bilhões de reais para a aquisição de terras e a retomada do programa da reforma agrária

Após o assassinato de dois militantes do MST em um assentamento em Tremembé, no interior de São Paulo, o ministro Paulo Teixeira, do Desenvolvimento Agrário, solicitou ao Ministério da Justiça a inclusão da Polícia Federal na Comissão Nacional de Enfrentamento à Violência no Campo, para reforçar o seu núcleo de inteligência. A atuação do grupo resultou em uma expressiva diminuição das mortes em 2024, segundo dados preliminares da Comissão Pastoral da Terra (*leia mais à pág. 22*), mas o número de conflitos segue em alta desde 2023, quando foi derrubada uma decisão do Supremo Tribunal Federal que suspendia os despejos.

Levou tempo para corrigir os estragos causados pelo desmonte promovido nos governos de Michel Temer e Jair Bolsonaro. “O MDA foi extinto, o Incra acabou esvaziado. Recebemos o orçamento de 2023 sem um tostão para obtenção de terras. Lutamos e conseguimos aumentar esse orçamento para 2024, mas ainda assim foi modesto, e o recurso demorou a chegar”, justifica Teixeira, ao anunciar, em entrevista a *CartaCapital*, a destinação de 3,2 bilhões de reais para a aquisição de terras e outro 1,5 bilhão de reais para investir nos assentamentos neste ano. O programa de reforma agrária, promete o ministro, será, enfim, retomado.

CartaCapital: O número de conflitos no campo bateu recorde em 2023, segundo o último relatório da Comissão Pastoral da Terra. O que o governo fez para deter essa escalada de violência?

Paulo Teixeira: Em primeiro lugar, o Ministério do Desenvolvimento Agrário foi recriado. A partir do MDA, criamos a Ouvidoria Agrária e, no Incra, a Câmara de Conciliação. Na sequência, foi feito um diagnóstico e agora o Incra tem conhecimento de todos os conflitos no Brasil. Com isso, iniciou-se um processo de mediação, que resultou na diminuição de mortes no campo. O Incra não só retomou o programa de reforma agrária, que havia sido totalmente parado no governo anterior, como também pediu proteção policial para pessoas ameaçadas. E por que aumentaram os conflitos? Até 2022, havia uma decisão do Supremo Tribunal Federal para suspender os despejos. A decisão caiu em 2023, voltaram os despejos e, como consequência, os conflitos. O MDA e o Incra retomaram o programa de reforma agrária,

A Comissão de Enfrentamento à Violência no Campo terá o reforço da PF, afirma o ministro

já compramos terras para entregar nessas áreas. A entrega deve ser feita agora em janeiro. Chamamos de Plano de Pacificação, porque busca endereçar soluções a esses conflitos latentes.

CC: Qual é o orçamento destinado à reforma agrária para este ano?

PT: Vamos investir 800 milhões de reais na compra de terras em áreas de conflito, destinar 1,4 bilhão de reais em adjudicação de terras de grandes devedores e mais 1 bilhão para comprar terras do Banco do Brasil. Isso soma 3,2 bilhões de reais. Além disso, será destinado mais 1,5 bilhão de reais em crédito para esse programa de assentamento, porque não se trata só de desapropriação, precisa ter crédito para os agricultores conseguirem trabalhar. E haverá também assistência técnica.

CC: A Comissão Pastoral da Terra atribui a redução de mortes no campo, em parte, à Comissão Nacional de Enfrentamento da Violência no Campo, criada no fim de 2023, porque a maior presença do governo nos estados ajudou a mitigar esse problema. Denunciam, porém, que o “Movimento Invasão Zero” é um braço armado do agronegócio muito estruturado, com escritórios em vários estados e respaldo em Câmaras Legislativas estaduais. Como o governo lida com a atuação desse grupo?

PT: Pedimos investigação do Ministério Público Federal, porque uma das ações desse grupo resultou na morte de um indígena no sul da Bahia. O princípio do Estado Democrático de Direito é o monopólio da força pelo Estado. E esse grupo está mobilizando pessoas armadas para defender certos territórios. Mas o Estado dispõe de meios: polícia, Judiciário. Não se trata de autodefesa. Quando se forma um grupo com essas características, não é o proprietário que está se defendendo, ele mobiliza outras pessoas. Se for isso, é uma milícia. E para somar esforços à investigação, na semana passada tivemos uma audiên-

Herança maldita. “O MDA foi extinto, o Incra acabou esvaziado”, observa o ministro, ao comentar o desmonte promovido por Temer e Bolsonaro

cia com o ministro Ricardo Lewandowski, para pedir que a Polícia Federal e sua área de inteligência integrem essa Comissão de Enfrentamento da Violência no Campo.

CC: Lideranças do MST no Vale do Paraíba dizem que, com a distribuição de títulos de propriedade aos assentados no governo Bolsonaro, aumentou o assédio de empresários e grileiros interessados em tomar lotes da reforma agrária para abrir condomínios, uma vez que se tornou possível transferir a titularidade dessas terras.

PT: Qualquer compra e venda de título não é regularizável. Inclusive, no assentamento Olga Benário, tinha sido feita a supervisão em novembro. E foi objeto de uma carta de agradecimento pela regularização do Valdirzão, que foi um dos assassinados. Estamos buscando suprir essa fase infeliz da história do Incra, que foi no período do Bolsonaro.

CC: Esse episódio tem relação com o avanço da especulação imobiliária. Como o governo trabalha para lidar com esse tipo de ameaça específica?

PT: O governo tem esse grupo de combate à violência no campo. Toda denúncia que recebemos é comunicada à Polícia Federal para a proteção dos ameaçados. Consequentemente, são tomadas as providências jurídicas para evitar qualquer violência, inclusive com a inclusão dessas pessoas no programa de proteção. A partir do monitoramento nas áreas de conflito, quando há uma ameaça a polícia é acionada. Nesse caso do Valdirzão, ele foi ameaçado às 5 horas e foi morto às 9 horas.

CC: No fim do ano passado, João Pedro Stedile, um dos fundadores do MST, fez duras críticas ao governo, por credi-



tar que a reforma agrária não é tratada como prioridade. Segundo o movimento, há cerca de 70 mil famílias acampadas. É possível atender a essa demanda?

PT: A reforma agrária e a titulação de terras quilombolas foram temas do golpe de Estado contra Dilma Rousseff. Isso significa que tudo estava paralisado desde 2016. O MDA foi extinto, o Incra acabou esvaziado. Foi ditada uma normativa impeditiva da reforma agrária. Recebemos o orçamento de 2023 sem um tostão para obtenção de terras. Lutamos e conseguimos aumentar esse orçamento para 2024,

mas ainda assim foi modesto, e o recurso demorou a chegar. A adjudicação foi decidida em dezembro, e a aquisição de terras de bancos foi feita em janeiro deste ano. Todas as medidas demoraram. Agora está tudo pronto para as entregas. Isso permite retomar o programa de reforma agrária de maneira robusta, no entanto vamos lutar para o orçamento ser maior, porque achamos que ainda não é suficiente. Vamos lutar para aumentar o orçamento para a obtenção de terras e para créditos e assistência técnica desses assentamentos. •
– a Mariana Serafini

Arranjo inesperado

RIO DE JANEIRO Com o aval de Bolsonaro, a direita articula a candidatura do deputado Rodrigo Bacellar para o governo do estado

Marcada para a primeira semana de fevereiro, a eleição para a presidência da Assembleia Legislativa do Rio de Janeiro (Alerj) pode ser o ponto de inflexão para que a direita consiga construir uma candidatura forte e capaz de fazer frente ao favoritismo de Eduardo Paes, do PSD, na disputa pelo governo estadual em 2026. Pelo menos é isso que almejam os principais nomes que integram o núcleo de poder do governador Cláudio Castro, do PL, já em segundo mandato, que deve desincompatibilizar-se em abril para tentar uma vaga no Senado. Com participação direta de Jair Bolsonaro, a articulação que deve garantir uma reeleição tranquila ao atual presidente da Casa, Rodrigo Bacellar, do União Brasil, incluiu uma inesperada reconciliação política entre Castro e o vice-governador Thiago Pampolha, do MDB, que estavam rompidos havia quase dois anos.

A jogada movimentou o tabuleiro do xadrez político fluminense e passará nas próximas semanas por convencer Pampolha a aceitar uma vaga que será aberta em maio no Tribunal de Contas do Estado. Se o emedebista concordar com a proposta de Castro e também se desincompatibilizar de seu cargo, Bacellar, como presidente da Alerj, assumiria o governo fluminense no ano que vem e concorreria ao Palácio Guanabara já instalado na

cadeira, o que aumentaria consideravelmente suas chances de vitória.

Até o início de dezembro, o quadro era outro. De mal com o governador, Pampolha anunciou a intenção de disputar o cargo, o que levou Castro a anunciar que não seria candidato a nada em 2026, única forma de impedir que o adversário, agora novamente aliado, assumisse sua cadeira.

A mudança na relação entre o governador e o vice é vista como crucial para unificar a direita na disputa eleitoral do ano que vem. O tema foi discutido na semana passada, durante uma visita de Bacellar à casa de praia de Bolsonaro, em Angra dos Reis. Na saída, o deputado afirmou estar com o ex-presidente “em união, diálogo e trabalho” e ressaltou a importância da união do campo conservador: “União Brasil, PL e MDB têm muito mais a perder do que a ganhar se ficarem em lados opostos em 2026”. Bacellar, no entanto, tem dito a interlocutores não

O vice-governador Thiago Pampolha continua no páreo, mas talvez aceite uma vaga no TCE como prêmio de consolação

descartar a possibilidade de ele mesmo pleitear a vaga no TCE se o acordo com Pampolha não for sacramentado.

Com a indicação de um deputado do PL para a primeira vice-presidência da Alerj e de deputados do MDB para a Mesa Diretora, Bacellar construiu um acordo que lhe garante a recondução ao comando da casa: “Ele terá uma eleição amplamente majoritária porque a esquerda teve uma grande dificuldade de se unir ao centro. Aqui no Rio, ao contrário de outros estados, a extrema-direita e a direita cooptaram o centro”, diz o deputado estadual Carlos Minc, do PSB. Para o ex-ministro do Meio Ambiente, Bacellar pode tornar-se um nome forte na disputa pelo governo estadual desde que o campo conservador se una em torno dele: “Há contradições entre eles, mas estão tentando se ajeitar. O vice ficou quase um ano em conflito com o governador, mas esse campo teve vitórias na maior parte das prefeituras fluminenses, o que os estimulou a unir forças”.

Cientista político e professor da PUC Rio, Ricardo Ismael avalia que a provável reeleição na presidência da Alerj faz Bacellar despontar como um nome forte na sucessão de Castro: “Ele precisará, porém, do apoio de Bolsonaro para se tornar competitivo, o que ainda não é certo. Além disso, provavelmente enfrentará a forte candidatura de Eduardo Paes e o desgaste do governador, o que pode levá-lo a pensar em alternativas para 2026”. Para que Bacellar e Castro tenham êxito em suas respectivas empreitadas, diz Ismael, a atual avaliação negativa do governador teria de ser revertida até o início de 2026, especialmente na área de segurança pública, para viabilizar apoios políticos: “Não será uma tarefa fácil”.

Mesmo a candidatura de Castro ao Senado não parece assegurada. Apesar das duas vagas em disputa, uma delas já está reservada ao senador Flávio Bolso-



Encontro. Bacellar se reuniu com Bolsonaro há poucos dias para discutir o cenário eleitoral

e desenvolvimento da carreira política no campo da centro-direita moderada: “Esse perfil dificultaria uma vitória da direita mais dura para o governo do estado. Mas se for um candidato plenamente de esquerda, sem uma grande articulação a seu favor, terá dificuldade no Rio de Janeiro, onde o conservadorismo tem predominado desde o ocaso do brizolismo”.

Em relação ao Senado, Motta avalia que, se não houver um candidato que congregue os vários segmentos contrários à extrema-direita, que vão desde uma centro-direita moderada até a

naro, que tentará a reeleição, o que faz com que o governador tenha de se contentar como segundo nome do partido. Ou mesmo ficar de fora, se prevalecer a vontade do senador Carlos Portinho, também do PL, que quer tentar a reeleição. Suplente de Arolde de Oliveira, que morreu em 2020, Portinho surpreendeu ao tornar-se um dos nomes mais atuantes da direita no Senado. “Acho que estão muito preocupados com a minha cadeira de senador e pouco em escolher o nosso candidato a governador. Enquanto isso, Paes vai ganhando espaço no interior do estado”, afirma.

Minc avalia que Paes se apresenta como um candidato difícil de ser batido: “Ele teve uma vitória retumbante no primeiro turno, faz uma gestão na prefeitura com várias forças, não só da esquerda e da centro-esquerda, mas do centro, e até

alguns da direita. É um político extremamente hábil, está com o presidente Lula, mas tem bom trânsito à direita e com os evangélicos”. Os maiores desafios para Paes, diz o experiente deputado, são a Baixada Fluminense e o interior: “Tanto pelo lado político quanto pelo lado social, Paes vai tentar fazer um arco de alianças para o estado semelhante ao que fez na capital e foi amplamente vitorioso. Ele já conta com os prefeitos de Niterói, de Maricá, e alguns poucos da esquerda do PSB. Terá de avançar nisso, e imagino que vai fazer um jogo casado com o governo federal, porque Lula vai ajudá-lo na tarefa de ganhar prefeitos”.

Diretor do Laboratório de Estudos sobre Estado e Ideologia da UFRJ, Luiz Eduardo Motta afirma que Paes conta com o apoio da esquerda devido ao avanço da extrema-direita, porém tem origem

esquerda em um sentido mais amplo, dificilmente será eleito um candidato progressista: “A possibilidade de eleição de dois nomes da direita não deve ser descartada”, adverte. Minc aposta no ex-deputado Alessandro Molon, que ficou em segundo nas eleições para o Senado em 2022, com 1,8 milhão de votos: “Molon apresenta uma característica que ultrapassa o campo da esquerda, porque tem grande penetração entre os católicos e é capaz de romper a bolha na classe média”.

Para Ismael, apesar da influência de Lula e Bolsonaro na disputa no Rio, é possível até mesmo a eleição de um nome de terceira via na eleição do Senado, que se resolve em turno único: “Existe espaço para uma candidatura que possa fugir da polarização política e ideológica existente”.

– por Maurício Thuswohl



Bola de cristal embaçada

INDICADORES Mais uma vez, há cascas de banana no caminho dos catastrofistas econômicos

POR CARLOS DRUMMOND

Aprofusão de sinais contraditórios, tanto positivos quanto negativos, sobre as perspectivas da economia configura uma situação peculiar de divergência de indicadores e de análises que aumenta, em muito, a probabilidade de analistas do sistema financeiro e suas bolas de cristal embaçadas deslizarem em projeções furadas e arrastarem os investidores em outro escorregão na casca de banana das estimativas erradas. Empresas e aplicadores ainda contam as perdas das últimas estimativas sem fundamento e precisam fazer novos gastos e investimentos com um grau de incerteza que só aumenta, dado o elevado grau de desencontro de opiniões.

Alguns exemplos pinçados do noticiá-



rio sobre a famigerada crise fiscal dão ideia da dificuldade enfrentada por aqueles que tomam decisões econômicas ou financeiras. De um lado, o déficit nominal do Brasil disparou, a pressão da alta dos juros e do dólar sobre custos e despesas financeiras das empresas aponta para uma queda nos lucros e os empresários da indústria voltaram a ficar pessimistas após um ano e meio de otimismo, dizem jornais e sites. Em contrapartida, os mesmos veículos apontam que o déficit público de 2024 deve ser melhor do que as expectativas do mercado financeiro, o viés de queda da taxa de juros é de baixa, em sintonia com o comportamento do dólar, e o rendimento dos *treasuries* denota sinais discretos de mudança, para melhor, no modo de atuação do BC.

Expectativas. Para Marcos Lisboa, o mercado financeiro estava otimista demais no início do governo Lula e, agora, exagera no pessimismo. O que fará Haddad?



Segundo o economista Marcos Lisboa, a explicação para a disparidade de sinais e de interpretações dos analistas e operadores é que houve um otimismo exagerado do mercado no início do atual governo, que reverteu e foi substituído por um pessimismo até maior. “Erraram no otimismo e agora estão exagerando no pessimismo”, resumiu Lisboa em um evento promovido pelo portal de informações financeiras Infomoney. O mapa de riscos e de sinais positivos comporta, em uma visão ampla, as vitórias da União no STF em casos bilionários, que evitaram perdas de 860 bilhões de reais ao Fisco e tiveram um impacto positivo nas contas públicas e reduziram o risco jurídico. O inventário contempla também, no cenário externo, a incerteza predomi-

nante influenciada pela alta consistente do dólar, um contraponto forte a eventuais melhoras do quadro econômico no *front* interno. Instabilidades externas, no ápice com a ascensão de Trump, tendem a configurar-se como um contraponto preocupante, e fora de controle, de eventuais melhoras internas na economia.

Até mesmo Robin Brooks, ex-economista-chefe da IIF e ex-estrategista da Goldman Sachs, incorrigível otimista quanto ao Brasil, diz agora que o País corre o risco de ser abandonado pelos investidores. A emergência do Brasil como um grande país com superávit comercial, sublinhou o especialista em investimentos, depende da China e isso agora é uma vulnerabilidade, se esse país tentar evitar tarifas comprando mais produtos agrícolas dos EUA. “O Brasil está prestes a descobrir que não existe um ‘Sul Global’. O Brasil pode ser descartado como uma batata quente”, disparou o ex-otimista Brooks.

A regra universal de manter os pés no chão recomenda não perder de vista, no entanto, perspectivas como aquelas apontadas pelo economista-chefe da Warren Brasil, Felipe Salto. As expectativas do mercado financeiro para o déficit público em 2024 eram piores do que o dado final deverá mostrar, ressaltou Salto em recente artigo. O déficit primário, isto é, sem incluir os juros da dívida, encerrou o ano passado em 47,5 bilhões de reais ou 0,4% do PIB, como previa o governo. Uma melhora expressiva em relação a 2023. O déficit de 0,4% do PIB em 2024 é, portanto, “um feito importante na direção do ajuste fiscal”, destacou Salto, na contramão daqueles que insistem em apontar uma situação de grave descontrole.

A maior parte dos chamados *players* do mercado não esconde o receio em relação à possibilidade de descontrole da inflação, um risco considerado como quase inevitável diante da tendência, também vista como incontornável, de aumento do gasto do governo. O ponto de partida das aná-

lises sobre a questão é o boletim *Focus*, compilado pelo Banco Central, alimentado por cerca de 140 integrantes de bancos, corretoras e outras instituições financeiras. “Quando alguém recorrer ao relatório *Focus* para falar de inflação, mande para eles a projeção do IPCA pelo BC na carta aberta do presidente da instituição, Gabriel Galípulo, para o ministro da Fazenda, Fernando Haddad. Repare como voltamos à meta ainda em 2025 no cenário-base. Não é tão ruim quanto os *players* de mercado projetam”, sublinhou o economista Cleiton Silva, professor da Universidade Estadual de Feira de Santana, na Bahia, em debate sobre as tendências da economia em uma rede social. A carta mencionada é a mensagem protocolar de explicações sobre o comportamento da inflação em relação à meta fixada.

No mesmo debate, o investidor Gustavo Araújo observou que, quando se trata do déficit primário e das projeções do Tesouro Nacional, pouco se observa a mudança dessas projeções ano contra ano. “Em 2024, o Relatório de Projeções Fiscais do Tesouro Nacional dizia que só zeraríamos o déficit em 2029. Esse ano, as projeções dizem que será em 2027. A situação fiscal está melhorando”, ressaltou Araújo.

“Nós estamos com uma situação estranhíssima no Brasil”, disparou o empresário Emerson Kapaz, em entrevista à TV Cultura, “porque temos a menor desigualdade de renda da história, um dos menores índices de desemprego, um crescimento vigoroso em 2024, mesmo com o juro crescendo, e uma possibilidade real de ainda se ter um cresci-

As intervenções com compromisso de recompra e por meio de swaps não mexem nas reservas cambiais





Movimentos. O IPCA Cesta entrou na mira do mercado. As primeiras medidas de Galípolo à frente do BC indicam maior rapidez no combate à especulação

mento menor, mas ainda assim crescimento, em 2025.” Projeções indicam que a dívida pública chegaria a 80% do PIB em 2024, mas “há países que têm muito mais que isso”. A situação seria crítica, não houvesse reservas de mais de 360 bilhões de dólares. O Brasil não tem problema de renegociação de dívida externa, está em uma condição econômica consistente. O maior problema que se tem hoje para que tudo isso volte ao normal, frisou Kapaz, é que o mercado consiga ver que há um ajuste fiscal, e o esforço não é atributo só do governo. “Isso é importante entender”, ressaltou o empresário.

Centro de convergência e de difusão de expectativas, o Banco Central dá sinais de que passará a agir rápido para prevenir ou enfrentar movimentos especulativos, pouco restringidos no mercado cambial no fim do ano. Na segunda-feira 20, em uma antecipação a possíveis agitos do dólar por conta da posse de Trump e das instabilidades decorrentes da nova política econômica dos EUA, o BC fez dois leilões com compromisso de recompra, no valor de 2 bilhões de dólares. A intervenção não reduziu as reservas cambiais, ao contrário de várias ações comandadas por Roberto Campos Neto em dezembro, que diminuíram aquela conta em 33,27 bilhões de dólares. A operação, a primeira da gestão de Gabriel Galípolo na presidência do BC, “sinaliza, ainda que de maneira tímida, uma certa mudança na atuação do Banco Central”, aponta o economista Saulo Abouchéid, professor da Facamp.

Em primeiro lugar, prossegue Abouchéid, a instituição foi muito rápida. “É um recado ao mercado, de que o Banco Central não deixará o dólar disparar como aconteceu no fim do ano passado. Uma si-

nalização de que a autoridade monetária agirá de modo ágil para conter movimentos especulativos, antecipando qualquer tipo de *overshooting* cambial.” *Overshooting* é uma reação abrupta e mais que proporcional da taxa de câmbio a uma variação da oferta de moeda no curto prazo.

Os chamados mercados atribuíram a estabilidade do dólar na segunda-feira 20 à postergação pelo governo dos EUA de decisões negativas ao comércio mundial. A explicação não é convincente se o Brasil vive de fato a crise identificada por instituições como o Banco BTG, que prevê a escalada do déficit nominal à posição de segundo maior do mundo e o dólar a 7 reais este ano.

Outra mudança reside no instrumento utilizado. O compromisso de recompra, em geral usado nos fins de ano, sugere o recurso a mais instrumentos que não diminuam as reservas internacionais, caso também dos *swaps* cambiais. Na quarta-feira 20, o BC informou ter vendido a oferta integral de 15 mil contratos de *swap* cambial em leilão de rolagem do vencimento de março de 2025.

Ainda na segunda-feira 20, o BC anunciou que passará a divulgar novos *rankings* Top 5 da *Pesquisa Focus*, alterará os do IPCA Cesta e deixará de calcular aqueles do IGP-M. Segundo Abouchéid, a modificação mostra maior preocupação com a economia real, a exemplo do PIB e da taxa de desocupação. Revela também uma atenção maior com o longo prazo e ainda uma tentativa de mudar a relação com o mercado quanto à formação de expectativas de inflação.

“Em vez de ficar debatendo inflação de preços livres e administrados, ele vai discutir o IPCA Cesta, que inclui serviços, preços livres, alimentação no domicílio e bens industrializados e levar um pouco o mercado a se voltar para a atividade econômica. Ou seja, ele está orientando algumas pautas que serão importantes nesta gestão”, sublinha o professor da Facamp. •

A China e o Tratado de Maastricht

CRESCIMENTO O êxito do “modelo” chinês reside na negação deste acordo e na rejeição do Consenso de Washington

POR ELIAS JABBOUR E LUIZ GONZAGA BELLUZZO

Artigo recente na *The Economist* (“A China terá capacidade fiscal para resgatar sua economia?”) tenta pela undécima vez chamar a atenção para os “problemas” do crescimento chinês. Na verdade, em retrospectiva histórica, para os donos da verdade da finança londrina são décadas de crescimento econômico eivado de equívocos e, ao melhor estilo shakespeariano, prestes a um trágico fim.

Agora os críticos apontam os crescentes déficits recentes do país — a violação do “Concílio de Maastricht” e de suas caba-las fiscais adotadas em 1992. Citam o bom-mocismo chinês em cumprir essas metas à risca até recentemente, omitindo as bases reais de cálculo diante do fato de o país dobrar o tamanho do PIB a cada sete anos, o que coloca a elevação do PIB em patamar muito maior que qualquer déficit possível.

Existem mais coisas entre o céu e a terra do que a péssima filosofia liberal pode explicar. A primeira. Os liberais nunca vão conseguir entender as consequências do processo ocorrido na China de construção de sua potente economia monetária, e pública, de produção na segunda metade de 1990 e um sistema empresarial, também público, que transformou

imensos conglomerados na outra face de um profundo processo de reformas. Somente a compreensão deste processo e suas causas e consequências institucionais já pode ser suficiente para jogar o livro de contabilidade da relação entre bancos e empresas fora. É o Estado, emprestando ao próprio Estado em moeda criada pelo Estado. Isso sem contar que, institucionalmente o que se chama de setor privado na China é uma concessão pública, não um produto da lei dos cercamentos.

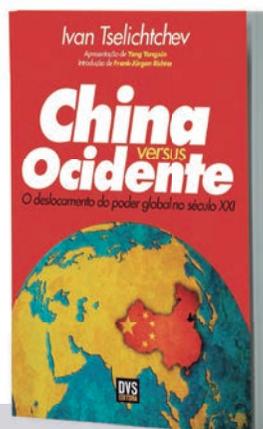
O miúdo. A título de exemplo, não foi a obediência chinesa ao “Concílio de Maastricht” que entregou condições ao país de construir 45 mil quilômetros de trens de alta velocidade em apenas 20 anos e fazer com que Xangai saísse de nenhuma estação de metrô em 1996 e se tornasse o maior *hub* metroviário e ferroviário do mundo hoje. Na China existem

O setor privado sente-se protegido de choques de incerteza e se dedica à acumulação de capital





Voando. Déficits violam Maastricht, que não previa o PIB dobrado a cada sete anos. São 45 mil km de linhas de trens ultravelozes em 20 anos, conta Tselichtchev



CHINA VERSUS WEST

Ivan Tselichtchev.
DVS Editora
(227 págs., 41,90 reais)

44 cidades operando grandes malhas metroviárias, sendo 40 delas com subsídios públicos que em alguns casos (Xangai e Wuhan, por exemplo) passam das quatro vezes a manutenção operacional. Como eles conseguiram? Aprenderam com os ingleses o papel central da dívida pública para a construção da riqueza das nações.

O livro *China versus Ocidente*, de Ivan Tselichtchev, dá a dimensão da transformação ocorrida. Nos anos 1980, a economia chinesa detinha os mesmos 1% do Brasil de participação no comércio mundial, em 2010 sua participação saltou para 10,4%, contra 8,4% dos EUA e 8,3% da Alemanha. Durante a primeira década do novo milênio, a taxa de crescimento média anual da economia chinesa foi de 10,5%, contra 1,7% dos EUA e 0,9% da Alemanha. Ao final da década, a China respondia por 42% da produção mundial de televisores em cores, 67% dos produtos de vídeo, 53% dos telefones móveis, 97% dos PCs, e 62% das câmeras digitais.

Continuando. *Sorry* (parte 1), o choro ocidental não vai parar. Sugestivo o exemplo da alardeada “bomba fiscal” prestes a explodir encerrado no altíssimo nível de endividamento local. É difícil compreender que o endividamento local não é uma contradição do “modelo”, mas um atributo da dinâmica de desenvolvimento chinês e que, ciclicamente, o governo central absorve as dívidas dos entes locais, abrindo espaço para mais “dívida”. Dito e feito. No começo de novembro de 2024 foi anunciado um grande pacote fiscal de 1,4 trilhão de dólares, tanto para aplacar as dívidas locais quanto para recomprar a concessão de terras às incorporadoras atingidas pela crise imobiliária. O exemplo acima foi apenas um de outros 14 pacotes fiscais anunciados entre setembro de 2024 e dezembro de 2025.

As autoridades chinesas entendem que as novas instituições financeiras – *fintechs*

e “bancos sombra” — devem jogar guiadas pelo mesmo conjunto de regras que disciplinam os bancos comerciais e demais empresas financeiras tradicionais. Em seu relatório de 2021, o People’s Bank of China escreveu: “Grandes empresas de tecnologia já se tornaram importantes para o funcionamento do sistema financeiro, e serão reguladas da mesma forma”. Uma vez estabelecidos os princípios gerais, será promulgada a regulação mais detalhada das novas formas de atividade financeira.

“Provavelmente não vai demorar muito até que a gestão da riqueza *online* se torne sujeita a uma regulação mais abrangente, assim como, diga-se, toda a gestão da riqueza está sendo padronizada.”

Os sistemas monetários financeiros são cruciais para o funcionamento não apenas das economias capitalistas, mas também para o socialismo da China. Para o bem ou para o mal, são organismos de coordenação (planejamento?) dessas economias, irremediavelmente monetárias. Os sistemas monetários são centralizados. Sua natureza pública pretende oferecer terreno seguro para a multiplicação de agências e agentes incumbidos da emissão e gestão de ativos privados heterogêneos, heterogêneos, sim, em sua homogeneidade monetária.

A convivência entre a dimensão privada e proprietária da riqueza monetária e a força centralizadora dos gestores da moeda — essa instituição social — é uma sucessão de encontros e desencontros entre “o mesmo e o seu outro”, inexoravelmente interdependentes. Quando a coisa anda às maravilhas, o universo da acumulação e precificação da riqueza monetário-financeira estimula a criativa multiplicação e diferenciação dos ativos. Quando o troço aperta, emerge a dura feição centralizadora.

A iniciativa privada sente-se resguardada contra os choques de incerteza e pode empenhar-se na acumulação de capital, mediante investimentos em ativos tecnológicos, produtivos e comerciais. A “am-

Entre 2025 e 2030 a China deverá investir 1,4 trilhão de dólares em Inteligência Artificial

pliação do papel do mercado e o reforço às empresas estatais” são um oxímoro para inteligências binárias, cujos neurônios batem no tiquetaque do “Estado ou mercado”.

O projeto Made in China 2025 desobedece às batidas binárias. Está empenhado em assegurar políticas de apoio financeiro para impulsionar avanços tecnológicos em áreas estratégicas. Esse projeto estimula a associação entre os fundos de investimento públicos (Government Guidance Funds – GGFs) e fundos privados de *venture capital* e *private equity*.

Sorry (parte 2). Políticas monetárias e fiscais expansivas também se impõem diante da corrida chinesa pela autonomia nas chamadas infraestruturas dos

semicondutores e na Inteligência Artificial. Se Biden e, agora, Trump, lançaram mão de trilhões de dólares para jogar à frente a fronteira tecnológica nesses setores, a China faz o mesmo. Ciência, tecnologia e inovação custam trilhões de dólares a fundo perdido. Somente entre 2025 e 2030 a previsão é de investimentos da ordem de 1,4 trilhão de dólares na China apenas em Inteligência Artificial. Bom lembrar que em 2023, o crescimento dos investimentos em energia limpa foi 40% maior que o verificado em 2022, alcançando 890 bilhões de dólares.

Se antes de Adam Smith a fisiocracia não entregava instrumentos para entender o funcionamento de uma fábrica de alfinetes, não serão as superstições baseadas nos princípios do “equilíbrio geral” que vão explicar o novo que vem da China. O socialismo chinês é uma metamorfose ambulante onde instituições são criadas sem que as antigas sejam necessariamente destruídas.

O *Aufhebung* (Superação e Conservação) hegeliano orienta, desde as reformas de Deng Xiaoping, o projeto de de-



Aposta dobrada. O modelo que deixou o Ocidente para trás prepara um novo salto



envolvimento da China. É um processo permanente de articulação institucional que torna inaplicáveis as dicotomias entre Estado *versus* privado e planejamento *versus* mercado. Tais oposições não fazem sentido na China.

Tanto o mercado quanto o privado foram absorvidos sob a forma de novas formas históricas que elevam as capacidades dos planejadores chineses. Alocados tanto na Comissão Nacional de Desenvolvimento e Reforma (NDRC) quanto na Comissão de Supervisão e Administração dos Ativos do Estado do Conselho de Estado (SASAC), os planejadores chineses escapam às limitações impostas pelos princípios da economia convencional de mercado, assalada pelos supostos da racionalidade individual dos proprietários privados.

O desenvolvimento econômico chinês é um caso explícito de simbiose entre o Estado e a iniciativa privada. Combina o máximo de competição – a utilização do mercado como instrumento de desenvolvimento – e o máximo de controle. Os chineses controlam as institui-

ções centrais da economia competitiva moderna. Os bancos públicos e as empresas públicas dirigem e facilitam o investimento produtivo e em infraestrutura. Essa flexibilidade institucional foi decisiva para o avanço da economia chinesa.

Auxiliada por inovações tecnológicas disruptivas como o *big data* e a Inteligência Artificial, a planificação na China atinge possibilidades que a inteligência humana ainda carece de acúmulo para explicar de forma precisa.

O avanço do Partido Comunista sobre as *big techs* nos impõe uma discussão séria sobre as relações entre as contabilidades social (macroeconomia) e a da firma (microeconomia). A fusão das duas contabilidades (e o fim da separação entre macro e microeconomia), exemplificada no fato de metade dos bilionários e milionários chineses terem saído do país nos últimos cinco anos (afinal, nem tudo que é bom para o empresário é bom para a sociedade), nos entrega explicação para a elevação das capacidades do Estado

Sem exceções. Fintechs, “bancos sombra” e instituições financeiras tradicionais devem obedecer às mesmas regras, sentenciou o People’s Bank

chinês em operar imensas transformações que vão além das picuinhas liberais.

Os chineses não acreditam na eficiência estática e, muito menos, na suposta dinâmica da mão-invisível. Em sua concepção, as verdadeiras leis do mercado se exprimem através das normas – muitas vezes ignoradas nas análises liberais – que regem efetivamente o fascinante jogo da competitividade global. Isso, diga-se, é motivo de escândalo para os intelectuais e políticos progressistas ocidentais.

O “modelo” chinês é a negação de Maastricht e a rejeição do Consenso de Washington. E está somente em sua infância. “O raciocínio chinês é circular e não linear; é informado pela lógica, mas também ativamente moldado pelo contexto e por um complexo sistema de relações sociais.” (Keyu Jin) •



Heil, Trump!

EUA A posse do republicano foi um genuíno espetáculo de extremismo, arrogância, obsolescência e cafonice

POR CLARISSA CARVALHAES, DE NOVA YORK

Donald Trump e seus principais aliados dissiparam qualquer dúvida durante a longa cerimônia de posse na segunda-feira 20. O republicano fez quatro discursos, nos quais divagou sobre os detalhes do muro na fronteira com o México, soltou frases desconexas, fez piadas sem graça, mas emitiu uma mensagem cristalina ao mundo: os Estados Unidos vão exercer um imperialismo à moda do século XX, estão pouco se lixando para a crise climática, grandes empresas e bilionários estabelecerão uma simbiose com o Estado, e, se houver uma “era de ouro”, como prometeu o novo presidente norte-americano, ela só valerá para fascistas e supremacistas brancos. Minorias e migrantes, ao contrário, serão empurrados às trevas e viverão, no mínimo, quatro anos de pavor e insegurança.

No discurso mais importante e estruturado, durante a cerimônia oficial de posse, Trump desenhou uma nação distópica, posta de joelhos perante o mundo durante o mandato do antecessor Joe Biden, e apresentou-se como um enviado dos céus para salvar o país. Anunciou o decreto de emergência na fronteira com o México para retomar a construção do muro e reforçar imediatamente a fiscalização, prometeu o início de uma caçada implacável a imigrantes sem documentos,

em qualquer canto e lugar, definiu a existência de apenas dois gêneros, masculino e feminino, jogou no lixo as políticas de diversidade e evocou a “meritocracia”, além de decidir pela retirada do país tanto da Organização Mundial da Saúde quanto do Acordo de Paris, que estabelece metas de redução das emissões de carbono. Sob Trump, os EUA serão movidos a petróleo, xenofobia e racismo. *Drill, baby, drill*, disparou, para delírio da plateia de maioria republicana no Capitólio, em uma mostra da disposição de retomar a todo vapor a extração de óleo e gás das reservas.

Embora seja a imagem cuspid e escarada do poder do 1%, retratado à perfeição em um gabinete integrado por 11 bilionários, Trump, condenado na Justiça e notório caloteiro, explorou no discurso a falsa imagem de impoluto *outsider* disposto a implodir o sistema. “Por muitos anos”, afirmou, “um *establishment* radical e corrupto extraiu poder e riqueza de nos-

Em discurso, gestos e decretos, o presidente deixou claro o espírito fascistoide do novo governo



sos cidadãos, enquanto os pilares de nossa sociedade estavam quebrados e aparentemente em completo abandono.” Em seguida, prometeu: “O futuro é nosso. A nossa era de ouro acaba de começar”.

A nova era já tem seus ganhadores, os bilionários das *big techs*, com assentos privilegiados na cerimônia. Mark Zuckerberg, da Meta, Sundar Pichai, do Google, Tim

TAMBÉM
NESTA
SEÇÃO



pág. 42

Análise. A influência dos políticos da Flórida no novo mandato de Trump



Estética. Musk e Bannon, próximos a Trump, não escondem a inspiração. E o que dizer do chapéu de Zorro da primeira-dama?

cia Artificial, sem interferência estatal, e a promessa de altos investimentos para levar astronautas a Marte – iniciativa que interessa em particular a dois dos neoaliados, Musk e Bezos. Chamado por parte da mídia norte-americana de “copresidente”, dada a crescente influência, o CEO do X e da Tesla era, provavelmente, o convidado mais à vontade na cerimônia. Riu, aplaudiu, discursou, dançou e, escorado em uma desculpa esfarrapada de “entregar o coração ao povo”, fez e repetiu o gesto típico do nazifascismo, o braço erguido e a mão estendida acima da cabeça. Só uma imensa boa vontade, como a demonstrada por algumas associações de judeus, impediu que alguns não vissem o que era óbvio: Musk demonstrou em um só movimento o caráter e a inspiração dos novos inquilinos da Casa Branca. Adendo 1: o bilionário de origem sul-africana colocou o X e parte da sua fortuna a serviço da AfD, partido neonazista alemão, e do Reform UK, agremiação

ção de cunho fascistoide no Reino Unido. A Alemanha vai às urnas em fevereiro e a AfD ocupa neste momento o segundo lugar nas intenções de voto. Adendo 2: em uma reunião de extremistas de direita no dia anterior à posse, da qual participou o deputado Eduardo Bolsonaro, Steve Bannon, o ideólogo do trumpismo, fez um gesto semelhante ao saudar os participantes.

De volta ao Capitólio, ao anunciar que a nova administração transcenderia a primeira, Trump creditou o retorno à Casa Branca a uma espécie de triunfo do Bem contra o Mal e afirmou não se tratar apenas de uma vitória eleitoral, mas de um destino traçado e ungido por Deus. “Há apenas alguns meses, em um lindo campo da Pensilvânia, uma bala assassina atravessou minha orelha. Mas eu senti então, e acredito ainda mais agora, que minha vida foi salva por uma razão. Eu fui salvo por Deus para tornar a América grande novamente”, em referência ao atentado que sofreu em julho do ano passado.

No discurso, lamuriou os supostos percalços e perseguições desde que deixou a Presidência e, após adornar-se da figura de mártir, perdeu em uma sim-

Cook, da Apple, Jeff Bezos, da Amazon, Shou Zi Chew, do TikTok, Sam Altman, da Open AI, e o indefectível Elon Musk estavam na fila do gargarejo e não se arrependeram da adesão. Algumas das primeiras decisões do novo governo foram feitas sob medida para atender aos interesses dessa turma: menos regulamentação, meio trilhão para o desenvolvimento da Inteligên-

ANGELA WEISS/AFP, CHIP SOMODEVILLA/AFP, PHILLIPPE HUGUENIAFFE JUSTI SULLIVAN/GETTY IMAGES/AFP

ples canetada 1,5 mil condenados pela invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Não só: apesar de prometer uma guerra implacável contra os cartéis de drogas mexicanos, assinou o indulto de Ross Ulbricht, condenado à prisão perpétua por criar e administrar o Silk Road, *site* de comércio de entorpecentes. “As ações do presidente são um insulto ultrajante ao nosso sistema de Justiça e aos heróis que sofreram cicatrizes físicas e trauma emocional enquanto protegiam o Capitólio, o Congresso e a Constituição. É vergonhoso que o presidente tenha decidido fazer de uma de suas principais prioridades o abandono e a traição de policiais que colocam suas vidas em risco para garantir que a democracia sobrevivesse naquele dia sombrio”, escreveu a ex-presidente da Câmara Nancy Pelosi em sua conta no X.

Trump não parou por aí. Ainda na noite da segunda-feira 20, desafiou a Justiça ao assinar outra ordem executiva que adia em 75 dias a suspensão do TikTok. “Os EUA deveriam ter direito a obter metade” da rede social chinesa, disse a repórteres. O republicano também assinou um decreto para pôr fim à cidadania por direito de filhos de imigrantes ilegais nascidos no país. Não será fácil, porém, cumprir essa promessa. No dia seguinte, o procurador-geral de New Jersey, Matthew Platkin, anunciou que 22 estados entraram com processos para barrar a medida. “Este é um ato extremo e sem precedentes, e essa ordem executiva é um ataque ao Estado de Direito. Os presidentes neste país têm amplo poder, mas não são reis. Eles não têm o poder de reescrever unilateralmente a Constituição. Eles não têm o

O troféu “vergonha alheia” vai para a comitiva bolsonarista em Washington

poder de desconsiderar unilateralmente as nossas leis.”

A comunidade LGBTQ+ foi outro alvo. Ao definir a existência de apenas dois gêneros, Trump abriu a porteira para decisões que limitem o direito das minorias. Antes da posse, a Câmara havia se movimentado para proibir mulheres e meninas transgênero de participar de esportes femininos. Na terça-feira 21, durante um sermão na Catedral Nacional, parte do calendário dedicado à posse presidencial, a bispa Mariann Budde pediu ao novo presidente, sentado no primeiro banco ao lado do vice JD Vance, que tivesse “misericórdia das pessoas em nosso país que estão assustadas”. “Há crianças *gays*,

lésbicas, transgênero, famílias democratas, republicanas, independentes, algumas que temem por suas vidas.” O apelo não comoveu o eleito. Mais tarde, Trump declarou-se “constrangido” e exigiu desculpas da missionária.

Em artigo para a revista *Time*, Chase Strangio, codiretor do Projeto LGBT e HIV da American Civil Liberties Union, escreveu que a comunidade está desolada, pois “não há maneira clara de estar pronto para um mundo onde aqueles no poder desejem sua morte. Mas não temos escolha, a não ser estar prontos para lutar e nós o faremos. No tribunal, nas legislaturas, em nossas comunidades locais. Isso é sobre proteger e defender pessoas transgênero de ataques pontuais e iminentes, mas também é sobre muito mais. Quando um pequeno grupo de pessoas é alvo, os ataques nunca param por aí”.

Nota 1: Causou espanto o chapéu usado pela primeira-dama, Melania Trump, que impedia a visão de seu rosto. Alguns se lembraram de Gilead, o país machista e religioso imaginado por Margaret Atwood em *O Conto da Aia*, símbolo da submissão feminina. Outros, marrotos, acreditam que Melania arrumou uma forma de evitar um beijo do marido. Se for isso, conseguiu.

Nota 2: O troféu de vergonha alheia vai para os parlamentares bolsonaristas que foram passear no frio de menos 5 graus em Washington. O destaque especial vai para Eduardo e Michelle Bolsonaro, filho e mulher do ex-presidente. Excluídos da cerimônia de posse e dos principais eventos comemorativos, após toda a *mise-en-scène* no Brasil, tiveram de se contentar com um jantar secundário. A sabujice não tem preço. •



Sabujice. Michelle e Eduardo foram ao jantar do sub do sub do sub



ALDO FORNAZIERI

Cientista político, professor da Escola de Sociologia e Política e autor, entre outros, de *Liderança e Poder* (Contracorrente)

Trump: retrocessos e incertezas

► **Negacionismo climático, macarthismo moral e religioso, imperialismo nos moldes do século XX. É o que vem por aí**

No primeiro dia do seu segundo mandato, Donald Trump assustou o mundo com um vendaval de 78 ordens executivas, devassando pontos centrais da administração Biden. O que mais assustou não foi tanto o número de ordens, mas o significado e o conteúdo.

As medidas de maior impacto internacional foram a retirada dos Estados Unidos da Organização Mundial da Saúde e do Acordo de Paris, a mais preocupante. No plano interno, anistiou 1,5 mil condenados pela tentativa de golpe e invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021. Declarou emergência nacional na fronteira com o México, iniciando um implacável ataque aos imigrantes. Instituiu a política de comércio “América Primeiro”, definiu que nos Estados Unidos existem apenas dois gêneros, masculino e feminino, mudou o nome do Golfo do México para “Golfo da América”, radicalizou a chamada liberdade de expressão, suprimindo qualquer regulamentação, revogou políticas favoráveis a minorias e decretos para conter o avanço sem controle da Inteligência Artificial, entre outros retrocessos.

Foi tão avassalador que adotou uma medida claramente inconstitucional. Com um decreto, pôs fim à cidadania por direito de nascença no solo norte-americano, protegida pela Constituição. Mudar a Constituição dos EUA é muito difícil e nem de longe o presidente tem força política pa-

ra acabar com esse direito. De qualquer forma, travará uma briga nos tribunais.

As medidas e os discursos nas cerimônias de posse não têm um sentido único. No plano internacional, e considerando medidas contracionistas adotadas no primeiro mandato, Trump parece adotar uma política de desengajamento global e de abandono e até hostilidade em relação às organizações multilaterais. Nesse sentido, desconstroí a política de hegemonia imperial que os Estados Unidos desenvolveram desde o trânsito do século XIX para o século XX. Isso implica que Washington sob Trump dará pouca importância a alianças baseadas em valores e compromissos com a democracia liberal ocidental.

De forma ambígua, ao mesmo tempo parece querer viabilizar um expansionismo doméstico. É esse o sentido de suas investidas em relação ao Canal do Panamá, Groenlândia, Canadá e até do México. Segue a velha Doutrina Monroe, projetada pelo presidente James Monroe por volta de 1823. Quer dizer: Trump não vai engajar-se em outras partes do mundo, mas não permitirá que ninguém interfira no seu quintal.

Parece ainda querer restaurar outra política do passado numa nova ordem internacional: reconhecer que as grandes potências têm direito a zonas ou esferas de influência. Essa política pode até estar em linha com as ambições da Rússia e da China. No primeiro caso, uma possível saída para a guerra da Ucrânia seria a concessão de parte do território à Rússia. No caso da China, caberia a ela resolver o problema de Taiwan. Mas ao mesmo tempo que indica aceitar a política de esferas de influência, emite sinais de que apoiará, mundo afora, governantes, partidos e movimentos de extrema-direita.

Para Trump, a América Latina, incluindo o Brasil, tem pouca importância. A questão de maior interesse é a forte presença comercial da China. O conflito com Pequim parece, contudo, ser menos comercial, mas acerca de quem liderará a corrida tecnológica. Não por acaso, Trump cercou-se dos donos das *big techs* e anunciou vultoso investimento em IA. Esses bilionários foram elevados à condição de chefes de Estado privados.

Trump fez várias declarações de que adotará políticas comerciais protecionistas. Até que ponto avançará com isso é algo a se ver. Especialistas dizem que uma das consequências seria o aumento da inflação.

Tudo indica que os Estados Unidos serão varridos por uma forte onda conservadora, impulsionada por setores religiosos evangélicos e por supremacistas brancos. As minorias serão perseguidas, até mesmo com violência. Com o comunismo morto, Trump, os evangélicos e os supremacistas brancos adotarão uma espécie de furioso macarthismo moral e religioso.

A medida mais preocupante é a retirada do Acordo de Paris. Com uma crise ambiental cada vez mais apocalíptica e com os governos omissos, a forte recarbonização dos EUA e o negacionismo oficial provocarão danos irreparáveis.

Queira-se ou não, Trump, com todo seu radicalismo conservador, com todo seu voluntarismo desorganizador, terá de ser aceito interna e internacionalmente como um ator de fato e como um perturbador legitimado pelas urnas. Somente o crescimento da resistência interna poderá impor limites. Todos os norte-americanos democratas, civilizados e progressistas têm a tarefa de começar a construir desde já um caminho que leve a uma derrota do trumpismo na renovação da Câmara e no Senado nas eleições de meio de mandato. • alfornazieri@gmail.com

Marco Rubio e seus amigos

ANÁLISE Republicanos nascidos ou moradores da Flórida espalham seus tentáculos na nova administração Trump

POR JUAN GABRIEL TOKATLIAN*

Vários cidadãos ligados à Flórida, de origem latina ou não, foram nomeados para o governo Trump. Um deles é Susie Wiles, que, embora não tenha nascido no estado, teve uma carreira política por lá, para onde se mudou e comandou diversas campanhas eleitorais. Ela liderou a campanha de Trump na Flórida em 2016 e a nacional em 2024. É uma operadora política notável, conhecida por sua habilidade como lobista empresarial, com cerca de 42 clientes entre 2017 e 2024. Wiles foi nomeada chefe de Gabinete do novo governo.

Taylor Budowich, assessor de Trump com ligações com a MAGA Inc., comitê de ação política que canalizou 400 milhões de dólares em doações para republicanos, foi nomeado vice-chefe de Gabinete para Comunicação e Pessoal. James Blair, também da Flórida, foi escolhido como vice-chefe de Gabinete para Assuntos Legislativos, Políticos e Públicos. Marco Rubio, senador republicano desde 2011, é o secretário de Estado. Ao longo de sua carreira política, Rubio passou de um republicano convencional a um trumpista fiel. Seu histórico legislativo e suas declarações refletem sua condição de “falcão” em relação a Cuba, Nicarágua e Venezuela, bem como sua antipatia por

Lula e Gustavo Petro. Em particular, no caso cubano, sua obsessão, ele se opôs à normalização das relações durante a presidência de Barack Obama e defendeu uma estratégia de pressão máxima.

Da mesma forma, Rubio ressaltou as possibilidades de cooperação com países como Equador, Guiana e Paraguai, entre outros. Crítico severo da China, que considera uma séria ameaça aos Estados Unidos, e favorável a sanções em todo o mundo, manifestou seu apoio à proposta de Trump sobre a deportação em massa de imigrantes, considera o Irã um “regime terrorista” e tem tido um perfil de voto antiambientalista. Em fevereiro de 2024, visitou a Argentina e elogiou o presidente Javier Milei por seu “plano audacioso para salvar” o país.

Maurício Claver-Carone será o enviado especial do Departamento de Estado

O novo secretário de Estado mira, sobretudo, Cuba, Nicarágua e Venezuela

para a América Latina. Ele ocupou diversos cargos de impacto no subcontinente na primeira administração Trump: assessor de Assuntos Internacionais do Departamento do Tesouro, diretor-executivo do Fundo Monetário Internacional e diretor de Assuntos do Hemisfério Ocidental no Conselho de Segurança Nacional. Em 2020, foi eleito presidente do Banco Interamericano de Desenvolvimento, com 30 votos (66,8%) a favor e 16 abstenções (Argentina, Chile, México, Peru e Trinidad e Tobago, mais 11 extra-regionais). A votação mais próxima com um único candidato tinha sido a de Luis Alberto Moreno, que recebeu 96,2% do apoio. A eleição de Claver-Carone não só teve como objetivo travar a expansão comercial e financeira da China na América Latina, mas “limitar o poder (institucional) da Argentina e do Brasil” no BID. Em 2022, Claver-Carone foi demitido por ter mantido um relacionamento amoroso com uma subordinada, a quem beneficiou materialmente. Mais recentemente e de forma equivocada, pois nenhuma exportação partirá daquele local para os Estados Unidos, propôs uma tarifa de 60% sobre os produtos que entram no país originários do Porto de Chancay, no Peru, financiado pela China.

É fato curioso que o secretário terá vários enviados no Departamento de Estado – seis até agora – por país, região e tema, entre os quais Claver-Carone. Teremos que observar como Rubio irá administrar e coordenar a diplomacia norte-americana. No caso particular da América Latina, soma-se Richard Grenell, natural de Michigan, ex-diretor da Inteligência Nacional em 2020 e que aspirava ao cargo de senador da Flórida. Grenell será o responsável por missões especiais que incluem, entre outras, a Venezuela.

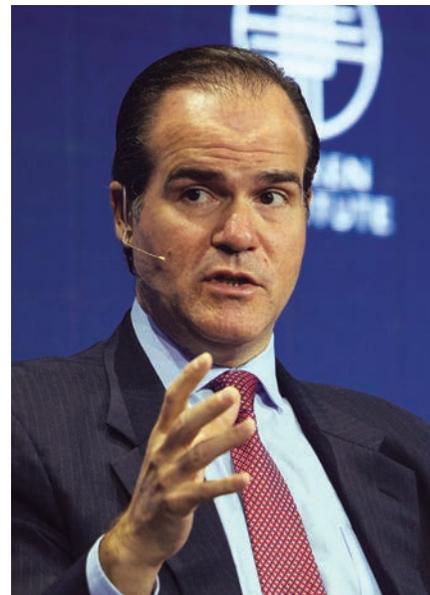
Pat Bondi, ex-procuradora-geral da Flórida, que fez parte da equipe jurídica de Trump em seu primeiro julgamen-



to de *impeachment* e chefiou o Centro de Litígios do capítulo do American First Policy Institute na Flórida, foi escolhida para comandar o Departamento de Justiça. Trumpista devota, ela declarou nas eleições de 2020: “Vencemos na Pensilvânia e queremos que haja uma recontagem imparcial dos votos”. Como integrante da AFPI, apresentou diversas ações cujo objetivo era dificultar o acesso às urnas ou privar certos grupos de eleitores do direito ao voto. É oportuno indicar que a Drug Enforcement Administration, a agência antidrogas, é um órgão do Departamento de Justiça. Na questão do tráfico e do crime organizado, que afeta as Américas como um todo, o papel da DEA é crucial.

No caso particular dos Estados Unidos, o número total de mortes devido ao abuso de fentanil em 2023 foi de 74.702. É bom lembrar que o número de mor-

Irmandade. Rubio foi confirmado como secretário de Estado. Susie Wiles é uma trumpista inveterada e Claver-Carone, ex-BID, integra a equipe



tos em três guerras, Vietnã (58.220 militares), Iraque (8.264 militares, civis e contratados) e Afeganistão (6.247 militares, civis e contratados), foi de 72.731. Na frente da política estatal contra o fentanil, Bondi tem sido uma lutadora inveterada, apesar de os dados de mortes por *overdose* no fim de sua administração em 2019 mostrarem que a Flórida havia piorado, passando do 15º para o 20º lugar nacionalmente, devido ao aumento da taxa de mortalidade. Por outro lado, assistimos a um *boom* global da cocaína, enquanto a expansão da violência ligada ao tráfico na América Latina teve e continua a ter consequências devastadoras.

Ainda na área da Justiça: Todd Blanche, advogado de Trump no processo criminal em Nova York, adquiriu um imóvel em Palm Beach e foi nomeado procurador-geral adjunto de Bondi. Por sua vez, Chad Mizelle, natural da Flórida que serviu no Departamento de Segurança Interna no primeiro mandato do republicano, ocupará a chefia de gabinete do Departamento de Justiça. Michael Waltz, deputado republicano do estado desde 2019, foi nomeado Conselheiro de Segurança Nacional. Coronel reformado da Guarda Nacional, serviu no Pentágono durante a administração de George W. Bush, sob Donald Rumsfeld e Robert Gates como secretários de Defesa. Integrou o Grupo de Trabalho para a China na Câmara dos Deputados, é fervorosamente anti-Pequim e promoveu leis para refrear as relações bilaterais e sancionar os chineses. Em 2023, com o deputado republicano do Texas Dan Crenshaw, propôs, dado o aumento do fentanil no México, uma lei que “nos colocará em pé de guerra contra os cartéis ao autorizar o uso da força militar contra eles”. No mesmo ano, copatrocinou uma resolução que pedia a proibição da retirada de Cuba da lista de estados que patrocinam o terrorismo. Em setembro de 2024, copatrocinou um projeto de



Vários republicanos da Flórida serão indicados para embaixadas na América Latina

lei conhecido como “Lei Stop Maduro”, que solicita o aumento para 100 milhões de dólares da recompensa por informações que levem à detenção e condenação do presidente venezuelano, Nicolás Maduro. Seu chefe de gabinete como congressista, Micah Thomas Ketchel, também da Flórida, será assistente especial do presidente Trump.

Paul Atkins, lobista e empresário, foi nomeado diretor da Comissão de Valores Mobiliários (SEC). O empresário John

Phelan será o secretário da Marinha, apesar de não ter experiência em assuntos militares. Jeanette Nesheiwat, comentarista de saúde da Fox News, foi nomeada chefe do Serviço Federal de Saúde. Kash Patel, que trabalhou como defensor público na Flórida e é um trumpista bombástico, foi escolhido diretor do Departamento Federal de Investigações, e Katie Miller, que participou da primeira administração Trump e é casada com Steven Miller, por sua vez nomeado vice-chefe de gabinete para Assuntos Políticos, foi distinguida como uma das primeiras conselheiras do conselho de administração do Departamento de Eficiência Governamental, chefiado por Elon Musk e Vivek Ramaswamy.

Outro ponto são as nomeações de embaixadores para a América Latina feitas até agora por Donald Trump. Nesse sentido, é notória a centralida-



Obsessões. Cuba voltou a ser classificada como patrocinadora do terrorismo. A Casa Branca promete não comprar petróleo de Maduro

Kimberly Guilfoyle para a Grécia, Benjamín León Jr. para a Espanha e Callista Gingrich para a Suíça.

A nomeação de todos os citados neste artigo mostra heterogeneidade. Alguns vêm da política, outros do mundo empresarial. Alguns se comprometeram com doações e outros contribuíram com ideias. Alguns têm experiência de gestão no Executivo, outros não. Existem apenas seis mulheres no grupo, que reflete um caleidoscópio composto por republicanos tradicionais (opostos à mudança social e política acelerada), neoconservadores (marcadamente intervencionistas na política externa), paleoconservadores (opositores do multiculturalismo e a favor das restrições à imigração) e ultradireitistas (neopatriotas altamente ideologizados). Na Flórida e no campo político também existem facções, como pôde ser visto nas primárias do Partido Republicano entre o governador Ron DeSantis e Trump, embora pareça que a rivalidade entre os dois tenha diminuído. Na verdade, se a candidatura de Hegseth à Defesa se tornar complicada, Trump parece ter considerado DeSantis para o cargo. O fundamental é que todos, igualmente, foram na campanha e são firmemente parte do universo trumpista. E o são porque compartilham crenças, valores e propósitos e, a partir de agora, deverão total fidelidade ao novo presidente, o segundo caso na história dos EUA, depois de Glover Cleveland, no século XIX, de um presidente a cumprir dois mandatos não consecutivos. •

de da Flórida. Ron Johnson será o embaixador no México. É um coronel reformado, ex-boina-verde, que participou de diversas Forças Especiais, passou boa parte da sua carreira no Comando Sul e esteve ligado à Agência Central de Inteligência (CIA) em operações paramilitares até 2019, quando Trump, em seu primeiro mandato, o nomeou embaixador em El Salvador.

No caso da Colômbia, o escolhido é Daniel Newlin, ex-detetive, advogado e empresário que contribuiu para a arrecadação de fundos da campanha e gastou milhões em publicidade para Trump (e também para sua promoção pessoal) em 2024. Durante anos esteve vinculado ao gabinete do chefe de polícia do Condado de Orange, em Orlando, e atualmente dirige um escritório de advocacia. Para o Panamá, Trump indicou Kevin Marino

Cabrera, de origem cubano-americana, sem experiência em assuntos internacionais, dias depois de afirmar que em seu segundo governo recuperaria o controle do Canal do Panamá. Em relação à Organização dos Estados Americanos, Trump defende o nome do empresário Leandro Rizzuto Jr., herdeiro da empresa de produtos de beleza e cuidados pessoais Conair, que em agosto de 2024 comprou imóveis no sul da Flórida no valor de 35,5 milhões de dólares. Em 2018, Trump o havia indicado para a embaixada em Barbados, mas seu nome acabou vetado, por conta de ataques à mulher do senador Ted Cruz e insultos a Hillary Clinton e Mitt Romney.

Outros republicanos da Flórida foram indicados para diferentes embaixadas: John Arrigo para Portugal, Mike Huckabee, que trocou o Arkansas pelo estado mais ao sul, para Israel,

**Professor da Universidade Torcuato Di Tella, de Buenos Aires. Esta é a segunda de três partes do artigo.*

Tradução de Luiz Roberto M. Gonçalves.

Futuro incerto

TheObserver Muitos detalhes do acordo de cessar-fogo entre Israel e Hamas continuam obscuros. Entenda o que está em jogo

POR BETHAN MCKERNAN, DE JERUSALÉM

Um cessar-fogo na guerra em Gaza e um pacto para a libertação de reféns israelenses em troca de palestinos presos em Israel começaram às 11h15 do domingo 19 (horário local, 6h15 em Brasília). O acordo de três fases foi criado para negociar o fim permanente da guerra após 15 meses de combates que mataram quase 47 mil palestinos e levaram a Corte Internacional de Justiça a considerar denúncias de genocídio contra Israel.

Em torno de 1,2 mil israelenses foram mortos no ataque cometido pelo Hamas – organização política e militar palestina que governa a Faixa de Gaza – em 7 de outubro de 2023, e outros 250 foram feitos reféns. Cem pessoas foram libertadas em troca de 240 mulheres e crianças palestinas mantidas em prisões israelenses, num acordo de cessar-fogo feito em novembro de 2023, mas que desmoronou em uma semana.

O que está incluído no novo acordo?

Todos os combates devem ser interrompidos durante a primeira fase, de 42 dias. As forças israelenses devem retirar-se das cidades de Gaza para uma “zona-tampão”, os palestinos deslocados poderão voltar para casa e haverá um aumento acentuado nas entregas de ajuda humanitária.

Na segunda etapa, de duração incerta, os reféns vivos restantes serão devolvidos e uma proporção correspondente de prisioneiros palestinos será libertada, juntamente com uma total retirada israelense da Faixa. A passagem de Rafah para o Egito será aberta para os doentes e feridos saírem. Não está claro se ela será devolvida ao controle palestino.

A terceira fase, que poderá durar anos, abordaria a troca de corpos de reféns mortos e membros do Hamas, e um plano de reconstrução para Gaza. Grande parte da comunidade internacional defendeu que a Autoridade Palestina semiautônoma, sediada na Cisjordânia e que perdeu o controle de Gaza para o Hamas em 2007, retorne à Faixa. Israel rejeitou, porém, várias vezes essa proposta.

Como funcionará a primeira fase?

Trinta e três reféns serão libertados nas próximas seis semanas, em troca de,

A terceira fase do plano inclui a reconstrução de Gaza, mas quem irá administrar o território palestino?

aproximadamente, 1,7 mil palestinos mantidos em prisões israelenses. Destes, cerca de mil são de Gaza e foram presos depois de 7 de outubro de 2023, sob a legislação de emergência que permitiu a detenção sem acusação ou julgamento.

Três mulheres cativas – citadas pelo Hamas como Romi Gonen, Doron Steinbrecher e Emily Damari – serão libertadas primeiro, em troca de cerca de 95 palestinos. Alguns israelenses serão então libertados a cada domingo nas próximas seis semanas. O número de palestinos a ser libertados após o retorno dos israelenses geralmente depende de se estes forem civis ou militares. Alguns palestinos da Cisjordânia libertados, que foram condenados por crimes graves contra israelenses, serão enviados para outros países, e não autorizados a retornar para casa.

Em Gaza, os desalojados terão permissão para se movimentar livremente pelo território palestino a partir do sétimo dia, e 600 caminhões de ajuda chegarão diariamente para aliviar as terríveis condições humanitárias na Faixa. Os suprimentos para Gaza estão atualmente em uma média de 18 caminhões diariamente. Agências de ajuda dizem que são necessários, no mínimo, 500 por dia.

O que acontece depois disso?

A transição da primeira para a segunda fase do acordo, que deve envolver uma completa retirada israelense de Gaza, exceto da zona-tampão, será difícil. As negociações sobre como ela será implementada estão programadas para começar no 16º dia (4 de fevereiro).

Rafah, a passagem de fronteira da Faixa para o Egito, deve reabrir até o 42º dia. Todos os civis feridos e doentes devem ter permissão para sair, juntamente com 50 combatentes feridos por dia, e Israel deve deixar totalmente a área de Rafah até o 50º dia (9 de março).

Todos os outros detalhes permanecem indefinidos.

Por que demorou tanto para se chegar ao cessar-fogo?

O acordo não é significativamente diferente de um rascunho apresentado em maio de 2024 pelo presidente norte-americano Joe Biden, no qual o primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, foi creditado como autor, e foi aceito pelo Hamas.

Netanyahu, temendo que a implementação de um acordo fizesse os elementos de extrema-direita de sua coalizão desistirem, derrubando seu governo, mais tarde introduziu o que chamou de “linha vermelha” – Israel deverá manter uma presença permanente na fronteira entre Gaza e Egito.

As negociações fracassaram em julho e foram retomadas antes da posse de Donald Trump.

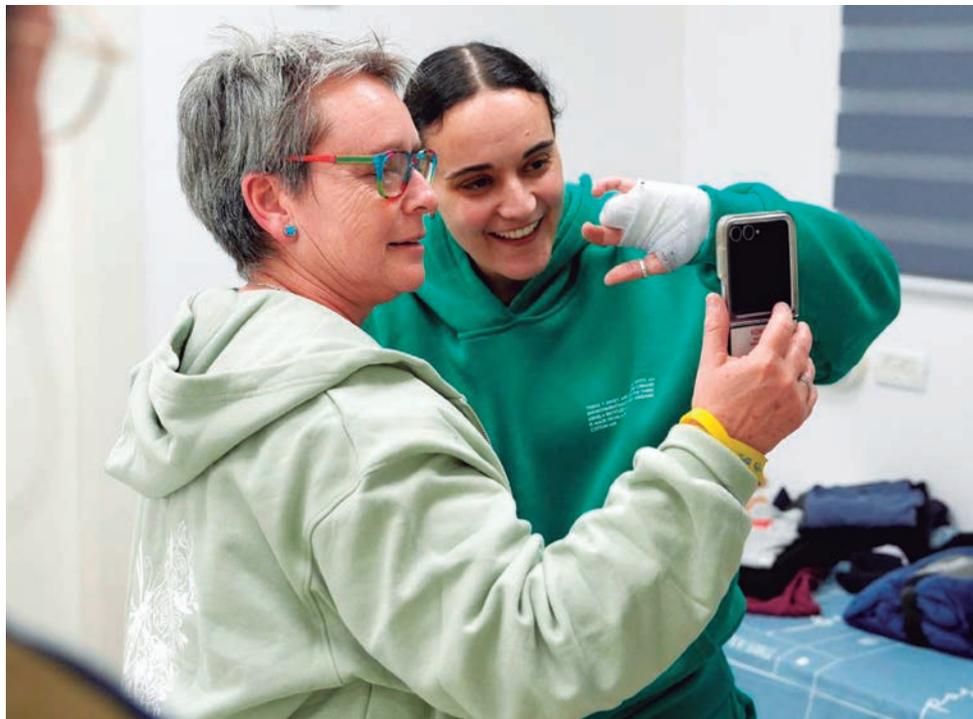
Qual é a probabilidade de um cessar-fogo permanente?

Como muitos detalhes das etapas 2 e 3 ainda precisam ser definidos, teme-se que haja uma grande chance de o acordo descarrilar. Quaisquer violações reais ou percebidas por qualquer dos lados assumirão um significado ainda maior.

O colapso do cessar-fogo de uma semana em novembro de 2023 ocorreu supostamente porque o Hamas não forneceu mais mulheres ou crianças reféns para troca. É possível que isso aconteça novamente.

Além disso, diplomatas estrangeiros questionaram o comprometimento de Israel com uma retirada e um cessar-fogo permanente, o que não alcançaria seu objetivo de guerra declarado de destruir completamente o Hamas, em meio à pressão de elementos de direita de Israel. •

Tradução: Luiz Roberto Mendes Gonçalves.



Alívio. Emily Damari é uma das três reféns israelenses libertadas no domingo 19. Tel-Aviv autorizou a entrada de 600 caminhões por dia com ajuda humanitária





A leveza do tempo

TheObserver Aos 72 anos, Isabella Rossellini vivencia uma volta às telas em papéis menores, mas marcantes, como o da freira do *thriller* *Conclave*, e diz que a idade a fez sentir-se mais livre

POR GUY LODGE

A maioria das grandes atrizes, em algum momento da carreira, tem de interpretar uma freira. Trata-se quase de um rito de passagem teatral. Isabella Rossellini cumpriu essa etapa em sua primeira aparição na tela, aos 24 anos, no pouco lembrado musical de Vincente Minnelli *Questão de Tempo* (1976), num papel secundário ao lado da mãe, Ingrid Bergman, a lenda do cinema três vezes vencedora do Oscar.

“Minha mãe interpretava uma condessa excêntrica que estava morrendo, e pensei que uma das freiras que a assistiam na morte poderia ser eu”, lembra ela. “Como éramos parecidas, ela pensou que seria interessante a condessa se ver como jovem em mim, numa espécie de alucinação. Mas também acho que ela queria me tentar a ser atriz.”

Quase meio século depois, Isabella volta a usar um véu, com efeito mais bem-sucedido, em *Conclave*, o emocionante *thriller*

de Edward Berger sobre o Vaticano, em cartaz no Brasil desde a quinta-feira 23.

Interpretando Irmã Agnes, uma freira severa que supervisiona a limpeza em uma eleição papal, ela é, durante grande parte de suas ações, uma figura enganosamente silenciosa, mas tem uma fala curta e contundente que muda o equilíbrio do filme protagonizado também por Ralph Fiennes e Stanley Tucci.

“Eu interpreto uma sombra”, diz a atriz. “A Igreja Católica é muito patriar-



Em cartaz. “Eu interpreto uma sombra, e era importante salientar o silêncio”, diz a atriz, sobre a personagem encarregada da limpeza durante uma eleição papal

cal, só os homens são cardeais, mas as freiras não são subservientes. Elas têm um poder enorme. Era importante salientar o silêncio, mas esse silêncio não precisa ser impotente. Cresci em Roma e estudei numa escola católica. Soube interpretar isso porque vivi isso.”

Aos 72 anos, Isabella Rossellini fica feliz em assumir papéis menores, com menos falas e impacto concentrado. Ao interpretar Irmã Agnes, ela pensou em sua longa carreira de modelo e em algo que aprendeu com o fotógrafo Richard Avedon: “Ele disse: ‘Quando você está modelando, está atuando’. Modelos não têm palavras, mas ainda assim emocionam. Como Agnes, não tenho muitos diálogos, mas sou uma presença definitiva”.

Embora Rossellini nunca tenha tido um longo intervalo fora das telas, sua carreira de atriz se renovou nos últimos anos, com personagens excêntricas, com papéis coadjuvantes animados em filmes que vão de *Joy*, *o Nome do Sucesso* (2015),

de David O. Russell, a *A Quimera* (2023), de Alice Rohrwacher.

“Também sinto isso”, diz ela quando sugiro que armou um retorno sutil às telas. “Minha mãe, que morreu com 67 anos, me disse que às vezes as atrizes têm uma queda na carreira quando não são nem jovens nem velhas: 45 a 55 ou 60 anos. Não é que você não possa ter interesses amorosos nessa altura da vida, mas essa história não é contada. Depois, quando fica mais velha, você consegue mais papéis.”

Na meia-idade, quando trabalhou em filmes como *Veludo Azul* (1986) e *A Morte lhe Cai Bem* (1992), Isabella sentiu que

“Com a idade, você engorda, ganha rugas e perde um tipo de beleza. Mas, com isso, vem junto uma liberdade”

os papéis melhores estavam diminuindo, como Ingrid Bergman havia alertado.

Então, ela voltou para a universidade, em uma jornada acadêmica muito diferente de seus primeiros estudos em figurino e moda, retornando à sua paixão de infância por animais. “Fiz um mestrado em Etologia, que é a ciência do comportamento animal, e comecei a fazer meus próprios pequenos filmes sobre isso, e escrevia monólogos. Assim criei uma carreira paralela à de atuação.” Ela sorri: “Mas então a atuação voltou”.

Não foram apenas os papéis principais que abandonaram Rossellini em seus 40 anos: sua carreira de modelo também foi afetada – em particular, seu conhecidíssimo trabalho como a face dos cosméticos Lancôme. Aos 43 anos, quando os executivos da Lancôme disseram que ela estava velha demais para representar a marca, foi sumariamente demitida – num episódio que causou muita polêmica. Mas, então, 20 anos depois, em 2016, aos 63, a Lancôme convidou-a para voltar.

“A diferença agora é que as executivas são mulheres”, diz. “E elas entendem que a ideia de maquiagem usada apenas como ferramenta de sedução é reducionista. Porque maquiagem é para todas: é muito mais inclusiva, e é uma ferramenta de criatividade.”

Ela observa com certo prazer a ironia de ter sido escalada para *A Morte lhe Cai Bem*, a sátira de Robert Zemeckis sobre o preconceito de idade em Hollywood, como uma mercadora sobrenatural da juventude eterna – pouco antes da saída da Lancôme. “Fiquei encantada por estar naquele filme”, diz, animada.

Pergunto se viu *A Substância*, o *bodie horror* de Coralie Fargeat que me parece uma espécie de *A Morte lhe Cai Bem* atualizado, examinando as preocupações sobre Hollywood descartar mulheres mais velhas e empurrá-las pa-



ra um terreno mais violento e radical.

Seu rosto imediatamente se iluminou de entusiasmo. “É brilhante! Adoro a fúria feminista e o humor desse filme.”

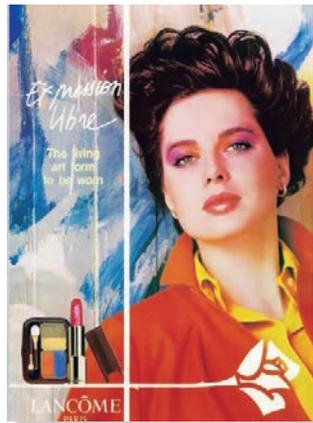
Ela elogia suas estrelas, Demi Moore e Margaret Qualley, que Rossellini só recentemente descobriu ser, como ela, uma “bebê” da indústria. “Tinha ficado impressionada com a atuação dessa jovem atriz, e depois alguém me contou que ela é filha de Andie MacDowell”, diz. “Fiquei muito orgulhosa, de certa forma. Sim! Nós somos filhas-de...!”

É uma deixa óbvia para uma pergunta delicada, que pode atrair respostas frágeis de outros filhos e filhas-de, para usar sua expressão. Como filha não apenas de Bergman, mas do reverenciado diretor neorrealista italiano Roberto Rossellini, ela ofende-se com o discurso em torno do termo *nepo baby*? Ela franze a testa e me pede para repetir as palavras. Depois de um segundo, ri. “Ah, ‘nepo’ como em ‘nepotismo’? Isso é muito engraçado.”

Ela diz ter sentimentos mistos sobre o assunto. No início da carreira, achava a celebridade herdada uma espécie de faca de dois gumes: “É claro que abre portas, porque as pessoas ficam curiosas para ver você. Mas não sei se foi uma vantagem. O julgamento é muito mais severo, e você não tem tempo para crescer”.

Ela pensa no primeiro papel substancial que teve no cinema, em *Il Prato* (1979),

Desde sempre, a fama. Acima, Roberto Rossellini e Ingrid Bergman, seus pais. Abaixo, uma das inúmeras campanhas de Isabella para a Lancôme



Por volta dos 50 anos, quando viu os papéis escassearem, a atriz resolveu fazer um mestrado sobre o comportamento dos animais

dos irmãos italianos Paolo e Vittorio Taviani. A dupla de cineastas vinha da Palma de Ouro no Festival de Cannes, por *Pai Patrão* (1977), e muitos críticos, principalmente na Itália, não foram nada gentis: “Olhando para trás, não foi um filme ruim, e eu não fiz um trabalho ruim”, diz, encolhendo os ombros. “Mas havia grandes expectativas, e as críticas foram excruciantes. Parei e disse: não vou ser atriz.”

Exceto por uma aparição peculiar como ela mesma numa comédia de Roberto Benigni, *Il Pap'occhio* (1980), ela manteve a palavra por seis anos, já que uma carreira de modelo a chamava e sua vida pessoal se complicou. Ela teve um casamento de três anos com Martin Scorsese e outro, de curta duração, com o colega modelo Jon Wiedemann, que lhe deu sua filha Elettra.

Elettra nasceu menos de um ano após a morte de Ingrid Bergman, por câncer de mama, em 1982. Em meio à dor e às dificuldades da maternidade recente, Isabella foi chamada por Hollywood: a convidaram para fazer o brilhante drama *O Sol da Meia-Noite* (1985). Finalmente, ela sentiu-se pronta para assumir a carreira que a mãe queria para ela. “Mãe disse: ‘É ridículo que você não esteja tentando atuar só porque sente que será comparada a mim. Você será comparada a mim no começo. Depois eles vão esquecer’. Ela estava certa, mas, no começo, foi difícil”, relembra.

Ela morre de orgulho ao falar sobre seus pais, e ainda se debruça sobre os filmes que eles fizeram: aponta com prazer que está usando as joias de sua mãe das filmagens de *Viagem à Itália* (1954), o lindo e agrídoco drama conjugal que Ingrid e Rossellini fizeram juntos quando a filha ainda era um bebê.

É uma fonte de tristeza para Isabella que nenhum dos seus dois filhos – ela adotou seu filho Roberto em 1993 – tenha conhecido seus pais, embora ela ache que filmes clássicos podem funcionar de maneira muito semelhante a álbuns de família. “Quando minha filha tinha uns 10 anos ou



mais, perguntou sobre sua avó, e eu disse: deixe-me encontrá-la. Então apenas liguei a tevê e lá estava ela, em *Anastasia*.”

O papel mais celebrado de Rossellini nas telas, como uma cantora de boate abusada em *Veludo Azul* (1986), o pesadelo suburbano de David Lynch, marcou um relacionamento de cinco anos com o próprio Lynch. Em meados dos anos 1990, ela esteve noiva de Gary Oldman durante dois anos. Depois dessa série de romances de alto nível, está sem parceiro há 25 anos. Foi uma tomada consciente de decisão de permanecer solteira?

“Acho que foi assim que a vida aconteceu”, diz. “Eu tinha filhos, e era difícil ter um relacionamento com um homem que não fosse o pai. Comecei a pen-

sar: vou cuidar das crianças e, quando elas crescerem, estarei disponível para um parceiro. Mas então descobri a grande tranquilidade de ser solteira.” Ela faz uma pausa, como se saboreasse as palavras: “Se não tivesse feito isso, acho que não teria conseguido fazer tudo o que fiz. Tenho liberdade de movimento.”

“Talvez, se eu tivesse encontrado alguém e me apaixonado...”, ela diz alegremente, sem terminar o pensamento. “Mas não procurei um parceiro só para não ficar sozinha, porque eu não estava sozinha. Quando você está com alguém, fica muito vulnerável aos altos e baixos da outra pessoa. Consegui manter uma uniformidade e uma concentração que me permitiram estudar, fazer um mestrado

Sets. Entre alguns dos papéis marcantes da carreira iniciada aos 24 anos, estão aqueles vividos nos filmes *Veludo Azul* (1985) e *A Morte Lhe Cai Bem* (1992)

na casa dos 50 anos e me concentrar no que queria fazer quando tinha 14 anos.”

Estamos falando, novamente, sobre aquele diploma em Etologia – que ela finalmente colocou em prática em 2013, ao comprar e administrar uma fazenda de 11 hectares, a quase 100 quilômetros da cidade de Nova York, em Long Island. A Mama Farm é um espaço comunitário com mentalidade ecológica, onde animais – incluindo aves, ovelhas e cabras – são criados, mas nunca abatidos. “Mas não tenho muitos animais. Não quero morrer e deixar meus filhos pensando: ‘Meu Deus, o que vamos fazer com 5 mil ovelhas?’”, ri.

A vida de Rossellini é um equilíbrio feliz entre família, agricultura, cinema e outras paixões mais particulares. Ela está animada para começar a turnê de um show solo escrito por ela mesma, *Darwin’s Smile (O Sorriso de Darwin)* – “sobre a expressão de emoção de atores e animais” –, na França. Para alguém que durante muito tempo foi o rosto de produtos antienvelhecimento, ela está, decididamente, se promovendo como idosa.

“Com a idade, você engorda, ganha rugas e perde um tipo de beleza, mas, com isso, vem uma liberdade sobre a qual pouco se fala. Mais do que liberdade, vem uma leveza. Quando você é jovem, tem muitas coisas para provar. Tem de provar que é inteligente, que é financeiramente independente, que é uma boa mãe ou pai. Existem tantas obrigações. Quando você fica velha, não está mais se provando. Não sei se sou tão inteligente ou não. Eu sou quem eu sou. Você começa a dizer: se eu não fizer o que quero fazer agora, nunca farei. E a vida torna-se mais divertida.” •

Tradução: Luiz Roberto M. Gonçalves.

A desinformação como grande vilã

LIVRO Harari defende, em *Nexus*, que as sociedades tomam decisões desastrosas porque são guiadas por más informações

POR SYLVIA COLOMBO

Se somos tão inteligentes, por que tomamos decisões tão estúpidas? Esta é a provocativa pergunta que o historiador israelense Yuval Noah Harari, de 48 anos, busca responder em seu mais novo livro, *Nexus – Uma Breve História das Redes de Informação Desde a Idade da Pedra Até a IA*, lançado no Brasil em setembro de 2024.

Partindo da premissa – questionável – de que algo está fundamentalmente errado no modo como transmitimos informações ao longo da história, o autor dos *best sellers Sapiens* e *Homo Deus* nos convida a acompanhar o papel da comunicação na evolução da sociedade.

Harari sugere que esse sistema apresenta falhas há muito tempo, levando-nos, potencialmente, ao caminho da autodestruição – que, em sua visão, está dobrando a próxima esquina.

Apesar do cenário sombrio que descreve, Harari insiste em se autodefinir como um otimista. A tese central do livro é que, ao longo da história, não erramos apenas por debilidades inerentes à natureza humana, mas também porque fomos guiados por informações de má qualidade. E ele argumenta que ainda há tempo para reverter essa sucessão de erros.

A solução, defende ele, é oferecer às

peças informações de qualidade. Para o autor, a má informação é responsável por fenômenos como o apoio a ditadores, a eleição de líderes incompetentes ou mal-intencionados e decisões desastrosas que impactam o futuro do meio ambiente e da humanidade.

E o paradoxo atual é que, apesar de termos ferramentas tecnológicas altamente avançadas para tratar informações, estamos perdendo a capacidade de dialogar e debater, justamente no momen-

to em que mais precisamos disso. A partir desse cenário, ele empreende uma análise mais profunda de como a Inteligência Artificial (IA) e os avanços científicos podem causar mais danos do que benefícios.

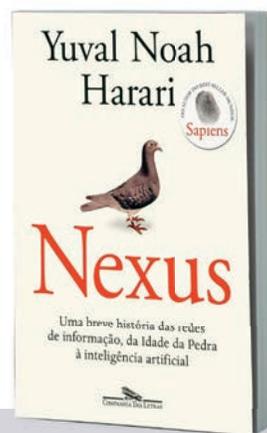
Harari aponta uma diferença fundamental entre democracias e ditaduras: a forma como cada um dos regimes administra informações. Enquanto as ditaduras se concentram no controle e na manipulação de dados – frequentemente baseados em mentiras –, as democracias têm o potencial de avaliar e corrigir informações incorretas. A avalanche de desinformação alimentada pelas novas tecnologias, no entanto, prejudica essa capacidade.

Na primeira parte do livro, Harari nos conduz por um vertiginoso percurso histórico, conectando eventos como o uso das tábuas assírias, a Revolução Industrial, o Holocausto e até mesmo o impacto da disseminação da televisão na Índia.

Na segunda metade – a mais interessante –, o foco recai sobre a Inteligência Artificial e os potenciais riscos que ela traz à democracia. “Informação é ferramenta”, enfatiza o autor, e não conhecimento propriamente dito. Segundo ele, a informação, se mal administrada, pode nos levar a um colapso. Seu uso correto, por outro lado, poderia evitar decisões catastróficas.

Harari explora um dos motivos pelos quais a humanidade tem se rendido à desinformação desde a Idade da Pedra: as mentiras são mais atraentes que a verdade. Uma mentira pode ser fabricada para ser convincente e apelativa, enquanto a verdade, sendo complexa e exigente, demanda mais esforço para ser construída e, depois, compreendida.

Ele destaca que a IA, se usada corretamente, poderia promover o acesso de milhões de pessoas a informações confiáveis, ajudando na tomada de decisões po-



NEXUS

Yuval Noah Harari. Tradução: Berilo Vargas e Denise Bottman. Companhia das Letras (504 págs., 89,90 reais)



O historiador israelense é autor dos best sellers *Sapiens* e *Homo Deus*

líticas, legais e mesmo militares. A mesma IA pode, porém, tornar-se um “telão de silício”, isolando os humanos das decisões críticas sobre seu próprio destino.

Para equilibrar essa balança, Harari defende o fortalecimento de instituições como meios de comunicação, academias e comitês científicos, que atuariam como guardiões da verdade. Ele argumenta que a democracia precisa ir além do ato eleitoral, garantindo mecanismos para fiscalizar e validar infor-

mações de modo contínuo e ordenado.

Por isso, afirma, regimes autoritários concentram seu poder nos esforços em deslegitimar as instituições que sustentam a verdade.

O livro também aborda a urgente necessidade de regulamentação da IA. Harari sugere que o controle não se limite ao que os cidadãos publicam nas redes sociais. A ênfase, a seu ver, deveria recair sobre o que os algoritmos fazem com essas publicações.

Se a humanidade se rende a esse sistema desde a Idade da Pedra é porque a mentira é mais atraente que a verdade

O autor critica duramente a ideia de se permitir que grandes corporações tecnológicas administrem os algoritmos como bem entendem e propõe maior investimento social em instituições ligadas à sociedade civil que se mostram atentas aos avanços da indústria do algoritmo.

Comparado a *Sapiens* e *Homo Deus*, *Nexus* é uma obra mais arriscada, pois se apoia em suposições e projeções sobre o futuro. Apesar disso, é inegavelmente útil para que se compreenda o impacto crescente da IA em nossas vidas. O autor argumenta, por exemplo, que a IA poderia estar contribuindo para calcular os danos ambientais e planejar projetos para mitigar os efeitos das mudanças climáticas.

Embora a obra traga insights valiosos, Harari parece perder o foco em alguns momentos. Aqui, o estilo claro e meticuloso, sua marca como divulgador científico, cede espaço a uma tentativa de se posicionar como “oráculo” do futuro da humanidade – um caminho no qual se pode facilmente tropeçar.

Ainda assim, *Nexus* é uma leitura provocativa e relevante, especialmente em tempos de polarização e avanço tecnológico acelerado. Harari, que dedica duas horas diárias à meditação e acredita que isso melhora sua capacidade de reflexão, nos convida a questionar não apenas o impacto da IA, mas a qualidade das informações que moldam nossas decisões. •

O Parlamento e a Bíblia

LIVROS O jornalista André Ítalo Rocha volta à Constituinte para traçar o caminho do empoderamento da bancada evangélica

POR PAULO CEZAR SOARES

Enquanto esperavam o pastor convidado para ministrar o culto na igreja Comunidade Resgaste, em Guaianases, na Zona Leste de São Paulo, os fiéis ouviam a pregação de outro visitante, que mais cantava do que pregava porque, na verdade, não era pastor, e sim um sargento da Polícia Militar.

Ronaldo Almeida chamava a atenção não pela afinação, mas porque havia subido ao púlpito fardado, com direito a quepe, botas, colete à prova de balas e revólver na cintura.

Naquele dia, o pastor convidado era Marco Feliciano, deputado federal e uma das figuras mais conhecidas da bancada evangélica. Mas ele chegou à igreja com quase duas horas de atraso, porque havia participado de uma vigília de oração durante a madrugada.

Esta cena insólita abre o primeiro capítulo do livro *A Bancada da Bíblia – Uma História de Conversões Políticas*, do jornalista André Ítalo Rocha.

A obra, vencedora do Prêmio Todavia de Não Ficção, traça as origens da mistura entre religião e política no Brasil, procurando mostrar de que modo a bancada evangélica influenciou a política nacional. Rocha explica que, embora exista um senso comum de que se trate apenas de

uma bancada ideológica, focada em pautas de costumes, como aborto e casamento *gay*, a realidade é bem mais complexa.

“A história da bancada mostra que eles agem como qualquer deputado do chamado Centrão, até porque muitos deles são ligados a partidos do Centrão”, explica o autor. O livro aponta a Constituinte de 1988 como um momento crucial para o fortalecimento dessa bancada.



A BANCADA DA BÍBLIA – UMA HISTÓRIA DE CONVERSÕES POLÍTICAS

André Ítalo Rocha. Todavia
(304 págs., 79,90 reais)



Boa parte desses parlamentares aceitou votar a favor do mandato de cinco anos para José Sarney em troca de concessões de emissoras de rádio. “Naquele momento, eles aprendem o jogo da política e não esquecem mais. Até hoje tem sido assim”, diz Rocha. “Eles se expõem na mídia para falar de pautas de costumes, para agradar aos eleitores evangélicos, mas são discretos para negociar outros projetos, inclusive os que favorecem institucionalmente as igrejas, como aqueles ligados a questões tributárias.”

Rocha lembra que, antes da Constituinte, não se viam deputados evangélicos unidos em defesa de uma pauta relacionada à doutrina das igrejas. Foi, inclu-



O autor recebeu o prêmio de Não Ficção da editora Todavia

sive, no contexto da Constituinte que surgiu a expressão “bancada evangélica”.

A primeira vez em que o termo foi utilizado, de acordo com o autor, foi em 1986, em uma matéria da *Tribuna da Imprensa* do Rio de Janeiro. No ano seguinte, o *Correio Braziliense* cobriu a primeira reunião, em Brasília, dos parlamentares evangélicos, na casa do deputado Dasso Coimbra (PMDB-RJ).

Desde então, a bancada evangélica só foi ampliando sua atuação, tornando-se uma força cada vez mais relevante no cenário partidário. Em 2018, o grupo deu amplo apoio a Jair Bolsonaro, encampando pautas de cunho religioso e difundindo ideias

a respeito das “ameaças comunistas”.

Em 2022, Lula venceu a eleição e assumiu uma posição de não confrontar os evangélicos. Ele concedeu isenções fiscais às igrejas e há, no governo, a ideia de se instituir o Dia do Pastor e da Pastora. “Há um esforço do presidente Lula para repetir a estratégia adotada em seu primeiro governo, tentando uma aproximação dos evangélicos por meio de gestos simbólicos”, diz o autor. “E há uma parcela da bancada que segue disposta a negociar com Lula, como os deputados ligados ao Republicanos, partido controlado pela Igreja Universal.”

O velho ditado popular que dizia que política e religião não se misturam há muito deixou de ter validade. •

VITRINE

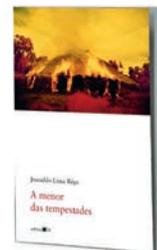
POR ANA PAULA SOUSA



Foi Sueli Carneiro, autora-farol do movimento negro feminista, quem se encarregou da pesquisa e da escrita de **Lélia Gonzalez: Um Retrato** (Zahar, 128 págs., 49,90 reais), perfil biográfico da ativista e pesquisadora que pavimentou o caminho pelo qual a própria Sueli seguiria.



A Editora Capivara, de Pedro Corrêa do Lago, “dono da maior coleção privada de manuscritos do mundo”, acrescenta a seu catálogo **Iconografia Baiana na Coleção Flávia e Frank Abubakir** (320 págs., 195 reais), que reúne obras de arte, mapas e livros ligados à Bahia do século XVII ao XIX.



A língua segue em fúscas, nos diz, em um dos versos de **A Menor das Tempestades** (Editora 34, 136 págs., 54 reais), o maranhense Josoaldo Lima Rêgo, que além de poeta é geógrafo e, talvez por isso, se revele tão hábil em esculpir paisagens a partir das palavras.

ROGÉRIO VIEIRA/VALOR



Consagração em Hollywood

CINEMA AINDA ESTOU AQUI EMPLACA TRÊS INDICAÇÕES AO OSCAR E O BRASIL TEM A MAIOR CHANCE DE SUA HISTÓRIA NA PREMIAÇÃO

POR MARCELO MIRANDA

Ainda Estou Aqui, de Walter Salles, que já levou mais de 3 milhões de espectadores às salas de cinema desde novembro de 2024 e tornou-se um fenômeno cultural no País, emplacou três indicações ao Oscar 2025 na manhã de quinta-feira 23. A Academia de Artes e Ciências Cinematográficas de Hollywood anunciou que o longa vai competir aos prêmios de Melhor Filme, Melhor Filme Internacional e Melhor Atriz, com Fernanda Torres no páreo.

A indicação de *Ainda Estou Aqui* a título Internacional e Atriz era esperada, mas a escolha entre os dez indicados principais foi uma surpresa – e a primeira vez na história que o Brasil disputa a

categoria de Melhor Filme. Havia um clima provável de isso acontecer desde a estreia nos EUA, no último fim de semana, mas ainda assim a competição era bastante dura. *Ainda Estou Aqui* repete a trajetória do sul-coreano *Parasita* em 2020, que também disputou as duas categorias – e acabou ganhando ambas.

É também uma repetição para Walter Salles, que 26 anos depois de *Central do Brasil* concorrer em Filme Internacional e Atriz, com Fernanda Montenegro, vê agora seu mais recente trabalho nas mesmas categorias e ainda a filha de Fernandona tentando o prêmio que a mãe perdeu para Gwyneth Paltrow, por *Shakespeare Apaixonado*. Torres tem

Talento nato. Fernanda Torres repete o feito de sua mãe, Fernanda Montenegro, e entra na disputa de melhor atriz

como concorrentes Cynthia Erivo, por *Wicked*; Karla Sofia Gascón, por *Emilia Pérez*; Mikey Madison, que compete por *Anora*; e Demi Moore, em *A Substância*.

Na disputa principal de Melhor Filme, *Ainda Estou Aqui* vai encarar alguns títulos fortes da temporada, entre eles *Anora*, *Um Completo Desconhecido*, *Conclave*, *Emilia Pérez* e, principalmente, *O Brutalista*, que venceu o Globo de Ouro de melhor drama em janeiro. Na categoria Internacional, o principal concorrente brasileiro é o francês *Emilia Pérez*, também com indicação dupla. Outros países representados são Dinamarca, por *A Garota da Agulha*; Irã, com *A Semente do Fruto Sagrado*; e Letônia, por *Flow*.

Reações positivas da crítica norte-americana a *Ainda Estou Aqui* e a visibilidade de Torres, inclusive sua elogiada participação no programa de entrevistas de Jimmy Kimmel, podem ter dado o impulso final necessário para que votantes da Academia incluíssem o filme entre seus escolhidos. A Sony Pictures, produtora do longa-metragem, investiu tempo e dinheiro numa campanha até o momento muito bem-sucedida.

Até hoje, o título brasileiro com mais indicações é *Cidade de Deus*, de Fernando Meirelles, que em 2004 emplacou quatro nomeações (Direção, Roteiro Adaptado, Montagem e Fotografia), graças ao trabalho maciço de divulgação da produtora Miramax. No caso das atuações, agora com Fernanda Torres no páreo, apenas duas atrizes brasileiras tiveram indicações até hoje. Nenhuma atriz latino-americana ganhou o prêmio principal em 97 anos de Oscar. Isso pode mudar na noite do próximo dia 2 de março. •



AFONSIHO

Primeiro jogador de futebol a conquistar o passe livre, foi ídolo do Botafogo nos anos 1960. Médico, usou o esporte para auxiliar no tratamento de pacientes psiquiátricos

Talento desperdiçado

► **Discreto e retraído, Paulo Henrique Ganso foi sempre subestimado pela mídia e por muitos dirigentes esportivos. Deveria estar na Seleção brasileira há tempos**

Notícias de grande impacto agitam o início da temporada de futebol no Brasil, na confusão de tantas pré-temporadas e competições misturadas, além dos costumesiros bate-bocas e intrigas. O noticiário nativo também acabou parasitado pela patética posse de Donald Trump, o rei das *fake news*, nos EUA. Haverá reflexos para os esportes também?

Prefiro reconhecer a habilidade de Paulo Henrique Ganso, um dos maiores talentos do futebol brasileiro, embora não seja tão badalado pela mídia. Insistia em dizer isso nas rodas de amigos quando fui surpreendido pela notícia do seu afastamento do Fluminense, até que se esclareça a suspeita de um problema cardíaco, levantada nos exames médicos do início do ano.

Pensava estar descobrindo a pólvora, mas acompanhei um *podcast*, tão em moda na atualidade, e me deparei com incontáveis manifestações exaltando as qualidades impressionantes de Ganso, tanto de companheiros da base no Santos F.C., como de outros setores envolvidos com o futebol. Quase todos reclamavam do seu não aproveitamento na Seleção brasileira.

Achei particularmente curiosa as declarações de alguns jogadores da base santista, ressaltando que Ganso seria, no mínimo, corresponsável pelo sucesso de Neymar naquele período, além de

apresentar uma qualidade técnica superior. É grande, por sinal, o burburinho de que Neymar pode voltar a jogar no clube da Vila Belmiro. Ele está retornando aos gramados após um longo período de inatividade, por causa de uma ruptura do ligamento do joelho e uma lesão na coxa, e está sendo sondado pelo Santos.

Voltemos ao Ganso. Além do seu comportamento discreto por natureza, o craque nunca foi “midiático” e acabou sendo subestimado. Isso acontece com frequência com alguns jogadores de perfis mais retraídos. Agora, as dúvidas quanto à sua condição física, postas sempre em xeque pelas cirurgias a que foi submetido ainda no início da carreira, persistem.

Presenciei um fato curioso relacionado a esse tema. Na saída de um jogo do Botafogo, topei com o presidente do clube à época. Perguntei por que ele não fazia uma oferta para Ganso, que estava saindo do Sevilla. Tive como resposta que havia, sim, interesse no atleta, mas também o temor de perder o investimento por causa da sua condição física.

O Fluminense foi mais criterioso e reparou o craque, que vem jogando há um bom tempo pelo tricolor carioca, sem se furtar a entrar em bolas divididas ou outras jogadas mais arriscadas. A lucidez, a visão de jogo e os reflexos muito apurados de Ganso são de tirar o fôlego não só dos torcedores do Fluminense, como também de qualquer admirador da mais fina arte do futebol. Os compactos das melhores jogadas exibidos nas telas deixam extasiados e incrédulos os espectadores de todos os times.

Se muitos dirigentes e técnicos de clubes temem em escalar Ganso, isso também acontece na Seleção brasileira, a despeito das reclamações de tantos torcedores, que, como eu, estão inconformados em desperdiçar um talento raríssimo como o

dele. Ganso sabe como poucos um princípio básico do futebol, mas que parece esquecido nestes tempos: nunca ninguém vai correr mais que a bola. Mais que preparo físico é preciso ter qualidade técnica.

Segundo tempo

Da Europa, vem o surpreendente placar do encontro entre Benfica e Barcelona, 5x4, nove gols em um jogo que teve de tudo, inclusive algumas cenas bizarras. Trubin, o goleiro do clube português, deu um chute para a frente, a bola bateu na cabeça do adversário Raphinha e morreu no fundo das redes.

Pelo Brasil rolam as transações e as transferências. E a bola também, por que não? A Copinha chega ao seu aguardado final na data do aniversário de São Paulo, 25 de janeiro, ao mesmo tempo que se inicia a esperada e disputada Copa do Nordeste, nossa popular e vibrante “Lampions League”.

No campo das intrigas, chama atenção a resposta dada por Mbappé a um comentário maldoso de Neymar, seu antigo colega no PSG. Em entrevista ao ex-jogador Romário, que criou um canal no YouTube, Neymar disse que teve uma “briguinha” com o astro francês porque ele teria ficado “enciumado” com a chegada de Messi ao clube. Quando questionado a respeito da declaração, Mbappé fugiu da picuinha e deu uma mostra inequívoca de superioridade: “Quero lembrar do positivo, sorte para ele”.

P.S.: O mundo do esporte lamenta a perda de Leo Batista, que desempenhou seu trabalho com integridade por décadas. Até pouco tempo, o veterano jornalista transmitia uma rara sensação de isenção nos seus comentários, além de dedicar-se à cobertura de todos os esportes, indistintamente. Gratidão ao vizinho de Cordeirópolis, no interior paulista. •

redacao@cartacapital.com.br



V E N E S DEPOIS DE BENETT

Telegram @clubederevistas

EXISTEM INÚMEROS
MOTIVOS PARA LER

CartaCapital

VAMOS FALAR DE

30

MILHÕES DELES

30 milhões de impactos mensais

Esse é o alcance dos conteúdos da **CartaCapital** em todas as plataformas. No site, são **20 milhões** de acessos por mês, com mais de **5 milhões** de leitores únicos. Na revista impressa, nas redes sociais, nos e-mails, newsletters e eventos transmitidos no YouTube, alcançamos mais de **10 milhões** de pessoas. **CartaCapital** é a maior referência progressista em jornalismo do Brasil.

ACESSE NOSSOS CANAIS.
TUDO O QUE IMPORTA ESTÁ AQUI.

CartaCapital

30
ANOS

QUANDO O PREFEITO ASSUME
O COMPROMISSO COM A
INFÂNCIA, AS CRIANÇAS DA
SUA CIDADE FICAM ASSIM:
MUITO MAIS PROTEGIDAS.

Toda criança merece um prefeito que se preocupe com o seu bem-estar. Ao fazer parte do **Programa Prefeitas e Prefeitos Amigos da Criança**, da Fundação Abrinq, o prefeito da sua cidade assume o compromisso com a infância e adolescência. As cidades que possuem prefeitas ou prefeitos amigos da criança já constataram a queda nas taxas de mortalidade infantil e o aumento das matrículas em creche, além de muitos outros resultados que impactam positivamente toda a sociedade. **Se você é prefeita ou prefeito, não perca a chance de ser realmente amigo das crianças.**

Saiba mais e faça sua adesão em ppac.org.br.

Amigo mesmo é quem protege.

